

Liberdade de Consciência – Um dom digno de preservar

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA



UM DOM DIGNO DE PRESERVAR

Por Walter O. McGill

CONTEÚDO

Introdução	03
A Besta de dois Chifres	03
O Princípio da Perseguição	07
O Espírito do Papado	08
A Morte e Vida com Cristo	09
O Dom da Individualidade	11
A Segunda Vinda de Cristo	14
A Religião de Natureza Humana (6-6-6)	14
Persuasão vs. Compulsão	18
Fundadores Americanos da Liberdade Religiosa	21
A Esfera do Governo Civil	21
Confie em Deus	24
A Hora do Julgamento de Deus	24
A Abominação da Desolação	25
A Morte do Ego	29
O Vinho de Babilônia	29
A Parábola	33
O Verdadeiro Protestante	33
O Credo da nossa Igreja	37
A Questão	37
O Sétimo Dia da Criação	42
A Conclusão	45

INTRODUÇÃO

O povo de Deus reconhecerá o governo humano como uma ordenança de designação divina e ensinará a obediência a esse governo como um dever sagrado dentro de sua esfera legítima. No entanto, quando suas reivindicações entram em conflito com as reivindicações de Deus, a palavra de Deus deve ser reconhecida como acima de toda legislação humana. “Um assim diz o Senhor” não deve ser posto de lado pelo assim diz a igreja ou o estado. A coroa de Cristo deve ser erguida acima dos diademas dos potentados terrestres.

O princípio que devemos sustentar neste tempo é o mesmo que os adeptos do evangelho mantiveram na grande Reforma. Quando os príncipes se reuniram na Dieta de Espira em 1529, parecia que a esperança do mundo estava prestes a ser esmagada. A esta assembléia foi apresentado o decreto do imperador restringindo a liberdade religiosa e proibindo toda divulgação posterior das doutrinas reformadas. Os príncipes da Alemanha aceitariam o decreto? Deveria a luz do evangelho ser excluída das multidões que ainda estavam em trevas? Questões poderosas para o mundo estavam em jogo. Aqueles que aceitaram a fé reformada se reuniram e a decisão unânime foi: “Rejeitemos o decreto. Em questões de consciência, a maioria não tem poder”.

A bandeira da verdade e da liberdade religiosa que esses reformadores ergueram neste último conflito foi confiada a nós. A responsabilidade por este grande dom recai sobre aqueles a quem Deus abençoou com o conhecimento da Sua palavra. Devemos receber a palavra de Deus como autoridade suprema. Devemos aceitar suas verdades por nós mesmos. E só podemos apreciar essas verdades ao esquadrihá-las por meio de estudo pessoal. Então, ao fazermos da palavra de Deus o guia de nossas vidas, para nós é respondida a oração de Cristo; “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:17). O reconhecimento da verdade em palavras e obras é nossa confissão de fé. Só assim os outros podem saber que cremos na Bíblia.

Aqueles reformadores cujo protesto nos deixou como legado o nome de Protestante sentiram que Deus os havia chamado para dar o evangelho ao mundo e, ao fazer isso, estavam prontos a sacrificar suas posses, sua liberdade e suas vidas. Somos nós neste último conflito da grande controvérsia tão fiéis ao nosso encargo como foram os primeiros Reformadores ao deles?

Em face da perseguição e morte, a verdade para aquele tempo foi espalhada por toda parte... Devemos dar a última advertência de Deus aos homens, e qual deve ser nosso fervor em estudar a Bíblia, e nosso zelo em espalhar a luz! [*Testemunhos para a Igreja, Vol. 6, págs. 402, 403*]

A BESTA DE DOIS CHIFRES

“E eu contemplei outra besta saindo da terra; e ela tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, e ele falava como um dragão” (Apocalipse 13:11).

OS ESTADOS UNIDOS NA PROFECIA BÍBLICA

Os primeiros dez versículos de Apocalipse capítulo 13, tratam de uma besta combinada, simbolizando o governo civil como controlado por Satanás em questões religiosas. A fase particular da besta apresentada nesta seção simboliza os governos civis do mundo romano,

representados pelos chifres, como dominados pelo Papado. Essa fase da besta terminou quando a cabeça papal recebeu sua “ferida mortal”, em 1798, e seu poder de perseguição chegou ao fim.

Neste momento – quando o poder papal foi para o cativo – outro poder, simbolizado por “outra besta”, foi visto “subindo”, tendo “dois chifres como um cordeiro, e ela falava como um dragão”. Algumas especificações dadas desta besta de Apocalipse 13:11-17 servirão para mostrar qual poder ela representa:

1. É vista surgindo assim que a besta papal foi para o cativo, ou seja, no final do século XVIII.
2. Ela sai da “terra”, em comparação com o “mar”, do qual surgiu a besta de dez chifres. “Mar”, ou “águas”, como símbolo profético representa, de acordo com Apocalipse 17:15 e Isaías 8:7, nações e povos. A besta de dez chifres ganhou seu lugar por meio de lutas e conquistas, enquanto a besta de dois chifres saiu da terra, de forma pacífica, de um lugar desocupado por nações civilizadas.
3. É evidentemente uma forma republicana de governo, pois os dois chifres são sem coroas (enquanto os dez chifres tem coroas), e o versículo 14 mostra que o povo tem uma parte em suas ações.
4. Tinha dois chifres como um cordeiro. O cordeiro empregado como símbolo representa proeminentemente nosso Senhor e Salvador (Veja João 1:29 e Apocalipse 5:6). O governo, portanto, representado por esta besta teria características, as próprias características, representadas pelos chifres, que a exaltam e lhe dão poder e prestígio.
5. Tem uma voz de dragão. O dragão representa principalmente Satanás, e Satanás é o principal instigador de toda perseguição contra o povo de Deus (Ap 12:13). De acordo com o símbolo, portanto, o poder representado pela besta de dois chifres torna-se um agente de Satanás na perseguição do povo de Deus. É por isso que João o menciona na profecia. A última parte do capítulo descreve mais detalhadamente esse aspecto.

Em que poder todas as especificações acima se cumprem? Há apenas um em que todas elas se encontram, e esse é os Estados Unidos da América. Observe atentamente as especificações acima e veja como elas são cumpridas literalmente nesse país.

1. Quando o poder perseguidor do Papado foi removido em 1798, havia apenas um grande poder na terra emergindo em proeminência, que era os Estados Unidos. Os representantes dos governos coloniais assinaram a Declaração de Independência em 1776. A Constituição entrou em vigor em 1789, e no início do século dezenove o governo dos Estados Unidos foi reconhecido como uma das grandes nações da terra. Não havia outro poder proeminente em ascensão.
2. Este governo não surgiu da conquista das nações do Velho Mundo, mas surgiu de um território desocupado. George Alfred Townsend, em seu “Novo Mundo Comparado com o Velho”, fala deste país como “surgindo do vazio” e diz: “Como uma semente

silenciosa, crescemos em império”. A nação de Dublin (Irlanda) em 1850 falou desse governo como um império maravilhoso, que estava emergindo, e “em meio ao silêncio da terra, diariamente aumentando seu poder e orgulho”. O testemunho do historiador confirma a interpretação da profecia.

3. Este país é certamente uma forma republicana de governo, enquanto a maioria das divisões do Império Romano eram monarquias.
4. “Tinha dois chifres como um cordeiro”, duas características da religião de Cristo, duas características peculiares apenas ao Cristianismo de todas as grandes religiões da terra, e peculiares a este governo somente de todas as grandes potências da terra. Esta especificação acima de todas as outras fixa o símbolo a este governo.
 - a) Que duas características, acima de todas as outras, além de seu poder sobrenatural – sua verdadeira riqueza e recursos deram à religião de Cristo poder e influência?
 - b) Que duas características acima de todas as outras – além de sua riqueza e recursos – deram a esse governo seu poder e prestígio?

As respostas a essas duas perguntas são simples, facilmente encontradas e facilmente compreendidas.

Uma característica proeminente do cristianismo é a IGUALDADE DO HOMEM. Assim, afirma-se mais positivamente:

“Porque não há aceção de pessoas para Deus” (Romanos 2:11).

“O Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele há, visto que ele é o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos; nem é adorado por mãos de homens, como se necessitasse de alguma coisa, visto que ele dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas; e de um só sangue fez todas as nações dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos antes ordenados, e os limites da sua habitação” (Atos 17:24-26).

O mesmo princípio era válido na igreja cristã:

“Mas vós não sereis chamados de Rabi, porque um só é o vosso Mestre, o Cristo, e todos vós sois irmãos” (Mateus 23:8).

Uma segunda característica grande e proeminente do cristianismo é o que podemos chamar de LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA, ou o direito e privilégio de todo homem de adorar a Deus, ou não adorar, como ou quando quiser, desde que não interfira com os direitos iguais de seus semelhantes. Eles às vezes chamam esse princípio de “liberdade religiosa”. O evangelho de Cristo não *compele* ninguém. Não é “Tu deves” ou “Tu não deves”. Sua linguagem é: “Quem quiser”, venha” (Ap 22:17).

Citemos um servo escolhido do Rei dos Céus: “Agora, pois, somos embaixadores de Cristo, como se Deus por nós vos suplicasse; nós oramos [suplicamos] em lugar de Cristo, reconciliai-vos com Deus.” “Conhecendo, pois, o temor do Senhor, persuadimos os homens” (2 Coríntios 5:20,11).

E aquele apóstolo resoluto que uma vez estava tão pronto para usar armas carnavais, escreve: “Mui amados, rogo-vos, como estrangeiros e peregrinos, que vos abstenhais das concupiscências carnavais, que guerreiam contra a alma” “Nem como senhores sobre a herança de Deus, mas como exemplo para o rebanho” (1 Pedro 2:11; 5:3). Quão diferente do espírito e das declarações da grande igreja apóstata, que reivindica Pedro como sua cabeça! “Não que tenhamos domínio [senhorio] sobre a vossa fé, diz Paulo, “mas somos ajudadores de vossa alegria; porque pela fé estais em pé” (2 Coríntios 1:24). Nosso Salvador assim fala: “E se alguém ouve as minhas palavras e não crê, eu não o julgo; pois não vim para julgar o mundo... A Palavra que tenho falado, essa o julgará no último dia” (João 12:47,48). Quão diferente é tudo isso daquelas igrejas apóstatas com seus “senhores espirituais”, seus conselhos e tribunais, sentando-se para julgar as consciências dos homens e processando pela lei civil aqueles que não concordam com seus decretos!

Olhe para todas as religiões do passado – pagã ou judaica, maometano ou assim chamada cristã (papal) – e em nenhuma delas encontramos essas duas características – a IGUALDADE DO HOMEM e a LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA. A maldição da casta, a criação de cargos, hierarquias altivas, imperiosas e ambiciosas, dogmas religiosos, imposição de decretos legislativos ou decretos reais, um ou todos estão presentes em todas as religiões falsas, incluindo todas as formas pervertidas da religião cristã.

Esses dois princípios dados por Deus estão incorporados nos estatutos de nossa liberdade nos EUA, e podem ser incorporados em qualquer governo terreno. O primeiro princípio, a igualdade do homem, é encontrado naquele documento que sou a nota do nascimento da liberdade Americana, e que tornou os Americanos homens livres no que diz respeito às questões civis:

“Consideramos essas verdades auto-evidentes, que todos os homens são criados iguais; que são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis; que entre estes estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade” [Declaração de independência].

O segundo princípio não está apenas incorporado na palavra “liberdade” na Declaração de Independência, mas nossos antepassados afirmaram ainda mais este princípio na primeira emenda da Constituição dos Estados Unidos que diz: “O Congresso não fará leis a respeito do estabelecimento de uma religião, ou proibindo seu livre exercício”.

Assim, na lei fundamental deste governo, a liberdade do homem de adorar ou não adorar a Deus, ou suas concepções de Deus, foram preservadas e protegidas intactas. Não conhecemos nenhum outro país no mundo que foi estabelecido nestes dois princípios eternos. Esses princípios têm sido o poder magnético que atraiu ao nosso país milhões de perseguidos e oprimidos dos governos intolerantes e autocráticos do Velho Mundo. Eles encontraram aqui uma religião “sem papa e um Estado sem rei”, e o privilégio de adorar a Deus de acordo com suas próprias consciências e entendimento da Palavra de Deus.

5. Infelizmente, temos visto demonstrações nos séculos XIX e XX da voz do dragão incitada contra os guardadores do Sábado e outras sociedades religiosas “não ortodoxas”. A notável “perseguição de uma igreja” ocorreu no cerco e destruição dos Adventistas do Sétimo Dia do Ramo Davidiano em Waco, Texas, em 1993.

Ironicamente, no final do mesmo ano, a Lei de Restauração da Liberdade Religiosa (RFRA) foi sancionada em nosso país. “Quando o presidente dos EUA, Bill Clinton, assinou o Ato de Restauração da Liberdade Religiosa (RFRA) no cenário idílico do jardim de rosas da Casa Branca em 16 de novembro de 1993, ele considerou que 'o poder de Deus é tal que mesmo no processo legislativo milagres podem acontecer'. O presidente quis dizer, é claro, que estava sancionando em lei a parte da legislação religiosa mais importante desde a Carta de Direitos (Bill of Rights). E isso por meio de uma aliança quase impensável de grupos de interesse” [Adventist Review, 9 de dezembro de 1993, p. 6].

“E engana aqueles que habitam na terra por meio daqueles milagres que tinha poder de fazer à vista da besta...” (Ap 13:14) Sim, “milagres podem acontecer” e até “por meio de uma união quase impensável de grupos de interesse”. [isto é, Católicos Romanos, Protestantes, Judeus e outras organizações seculares]. Mas tenha sempre em mente que “milagres” como esses nem sempre são realizados por nosso Pai Celestial. Não se engane!

“A Escritura não pode ser anulada,” (João 10:35) e Apocalipse, capítulo 13, revela que os Estados Unidos, em aliança com a igreja apóstata, será o principal na perseguição final do povo que guarda os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. “A apostasia nacional terminará em ruína nacional.” Prepare-se agora para esse evento final.

O PRINCÍPIO DA PERSEGUIÇÃO

Dois elementos são *sempre* essenciais para formar um poder perseguidor; e esses dois elementos unidos *sempre* formam um poder perseguidor. Mas se um deles for retirado, o poder perseguidor será destruído.

1. O poder deve ser religioso ou não perseguirá. Um governo que não está de forma alguma conectado com a religião *nunca* perseguirá.
2. Deve ter poder para impor suas posições religiosas - para punir o que considera ser heresia - ou não pode perseguir. Metodistas, Batistas ou qualquer outra igreja da terra é um bom exemplo. Eles podem emitir decretos e pronunciar penalidades, mas não *podem obrigá-los*.

Esta era a condição do Papado antes de 538 d.C. Mas quando os bispos da Igreja Romana se tornaram “a cabeça de todas as igrejas” e “verdadeiro e único corretor dos hereges”, o Papado passou a existir como o poder governante e controlador – a cabeça da besta. Existiu, ou foi-lhe dado vida, como cabeça, pelos poderes existentes. O governo do império lhe concedeu autoridade para definir e corrigir a heresia. O que fez que o Papado fosse um perseguidor? Respondendo brevemente, o Papado era uma religião apoiada pela lei, ou com poder para impor

decretos religiosos e castigar os que considerava hereges, ou aqueles que desobedeciam estes decretos. Este é o Princípio da Perseguição.

O ESPÍRITO DO PAPADO

É um erro supor que o Papado está confinado ao Vaticano em Roma, ou à Igreja Católica Romana. É um erro supor que o Papado está confinado a alguma organização ou a algum território. É um erro supor que está confinado ao que é papal em nome. O Papado é representado em tudo, seja qual for o nome, que se exalta contra Deus. E como todo pecado é rebelião contra Deus, é evidente que o espírito do pecado e o *espírito do Papado* são um e o mesmo.

O papado é co-extensivo com o sistema de oposição a Deus, e não se limita a nenhuma igreja, mas é representado em cada igreja onde o homem é exaltado no lugar de Deus. E é triste dizer que não há igreja na terra onde essa autoexaltação não seja encontrada.

A rebelião contra Deus começou no céu, sob um líder, que era Lúcifer, o “querubim cobridor”. Essa rebelião foi transferida para a terra, mas permaneceu sob seu líder original, por quem foi e é levada adiante. Ele é o líder invisível, e atrás dele está uma “confederação” mundial do mal. Esta confederação do mal é visivelmente liderada, na crise e conflito final, pelo Papado – a “Besta” no Velho Mundo e a “Imagem da Besta” no Novo.

E como há um grande líder desta confederação, também há um espírito que a permeia por toda parte, e esse espírito é o espírito de seu líder. E, portanto, está escrito sobre esse poder – o Papado – que “todos os que habitam na terra o adorarão, cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro morto desde a fundação do mundo” (Ap 13:8).

Se devemos adorar a “Besta” ou não, é uma questão a ser determinada não pelo livro da igreja, seja qual for a igreja, na qual nossos nomes estão inscritos aqui na terra, mas por sua inscrição ou ausência dela no livro da vida nas cortes do céu.

Há verdadeiros adoradores de Deus na Igreja Católica Romana; e há seguidores do papado na verdadeira Igreja de Cristo.

Precisamos particularmente entender e estar em guarda contra a extrema sutileza do espírito papal; e isso não tanto fora de nós, mas dentro de nossos próprios corações.

Está escrito sobre o poder papal que “pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão” (Dan 8:25). A astúcia enganosa sempre foi uma característica principal da política de Roma. Fingindo ser desinteressada e benevolente em suas relações com as nações, Roma sempre visava seu próprio progresso. O que parecia ser um toque de veludo, mais tarde foi revelado ser o aperto de uma mão de ferro. O papado embriagou todas as nações com “o vinho da ira da sua fornicação”, e como homens bêbados, eles foram conduzidos por ela para onde ela desejava. Este espírito enganador enganou aquele com quem se originou; portanto, não é de admirar que tenha sido capaz de enganar os outros. Lúcifer, o anjo exaltado que estava junto ao trono de Deus e que era “cheio de sabedoria”, não entendia a natureza do espírito que o levou a se exaltar contra Deus. Ele não percebeu claramente para onde esse espírito o estava levando. Não é de

surpreender, portanto, que sob sua influência e auxiliado por sua astúcia, tenha prevalecido sobre uma multidão menos sábia do que ele, e hoje está levando homens caídos e finitos em seu caminho tortuoso.

O espírito do Papado se mostra na luta pela supremacia. Esta é a maneira característica pela qual ele se manifesta. Onde quer que haja conflito na igreja, onde quer que haja uma disputa entre irmãos, lá está *o espírito do Papado*. Alguém está sendo movido pelo espírito de auto-exaltação.

Foi assim que esse espírito se manifestou entre os apóstolos. E não é uma pequena evidência de seu caráter enganoso que, ao chegarem à crise no ministério terreno de seu divino Mestre, depois de terem estado tanto tempo associados a Ele e ouvido Suas instruções, estavam absortos em esquemas para seu próprio proveito egoísta. “E houve também uma contenda entre eles, sobre qual deles deveria se considerar o maior” (Lucas 22:24). Tiago e João, tendo alistado sua mãe em sua causa egoísta, vieram a Jesus e desejaram que Ele lhes promettesse os dois lugares de maior honra em Seu reino. E os demais discípulos, quando ouviram isso, “ficaram muito indignados com Tiago e João” (Marcos 10:35-45). Esse era *o espírito do Papado*, e isso foi demonstrado mais tarde conclusivamente pelo fato de que essa mesma disputa pela supremacia estourou novamente não muitos anos depois na Igreja Cristã, e continuou com crescente ferocidade até que por meio dela veio o pleno desenvolvimento do papado, através de um decreto emitido pelo imperador Romano, tornando o bispo de Roma a cabeça sobre todas as igrejas.

“Mas Jesus chamando-os, disse: Sabeis que os príncipes dos gentios exercem domínio sobre eles, e os seus grandes exercem autoridade sobre eles. Mas não será assim entre vós; mas quem dentre vós deseja ser grande, seja o vosso servidor; e, quem deseja ser o primeiro, seja o vosso servo” (Mt 20:25-27). Isto, Jesus disse aos discípulos, ensinando-lhes que o espírito que os movia a buscar a posição de supremacia e domínio sobre os outros era o espírito do mundo, que se manifestava entre os Gentios; mas o espírito do Cristianismo era um espírito oposto; e onde quer que *esse* espírito fosse mostrado, seria visto um desejo *não* de trazer outros para servir a si mesmo, mas de trazer o eu para o serviço dos outros, ou seja, servir e não ser servido.

O mundo está cheio da disputa pela supremacia. O espírito de auto-exaltação e domínio sobre os outros é o espírito característico do mundo; mas esse espírito não tem lugar na Igreja de Cristo. *O ESPÍRITO do PAPADO* não tem lugar apropriado entre os verdadeiros Cristãos, e de todos os Cristãos, não tem lugar entre os verdadeiros Adventistas do Sétimo Dia. Que chegue logo o tempo em que não só não terá lugar, mas também não terá lugar entre aqueles que professam estar fazendo a obra final de Deus na terra.

BABILÔNIA DIZ: “... façamos-nos UM NOME, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.” (Gn 11:4)

YAH DIZ: “...sai dela, povo Meu, para que não seiais participantes dos seus pecados...” (Ap 18:4)

MORTE E VIDA COM CRISTO

“Ora, se já estamos mortos com Cristo, cremos que também com ele viveremos” (Rm 6:8). O pensamento de viver com Cristo é muito precioso para todo filho de Deus. Lemos sobre Maria, que se sentou a seus pés, e sobre João, que se apoiou em seu peito durante a ceia, e achamos que tal companhia deve ter sido muito doce, e assim foi.

Mas certamente chegará o tempo em que todos aqueles que seguiram fielmente o Mestre aqui verão aquele a quem amaram e o ouvirão pronunciar as palavras abençoadas: “Muito bem”. Então a oração de Jesus será respondida: “Pai, quero que também aqueles que me deste estejam comigo onde eu estiver; que eles possam contemplar a minha glória, que me deste” (João 17:24). Então verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome.

Viver, mesmo nesta terra amaldiçoada pelo pecado, é o desejo absorvente da humanidade; mas viver com Jesus na nova terra será vida de fato. Então, para viver com ele, devemos estar mortos com ele agora. Para estarmos mortos com ele, devemos estar mortos para o pecado. “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 6:11).

A maneira pela qual podemos estar mortos com Cristo é totalmente apresentada em Rom. 6:12: “Portanto, não reine o pecado em seu corpo mortal, para que o obedeça em suas concupiscências”. Aqui não apenas nos é dito como podemos estar mortos para o mundo, mas uma regra nos é dada, a qual, aplicando a nós mesmos, podemos descobrir se estamos mortos para o pecado e para o mundo ou não.

O pecado ou Cristo reina em nosso corpo mortal? Os desejos, apetites, loucuras e paixões do pecado nos controlam, ou todo o nosso ser está em doce submissão à vontade de Deus – Cristo, a esperança da glória, entronizado dentro de nós, reinando e governando sobre nós?

A autoridade de Cristo no coração deve ser completa. O coração não é tão grande, mas Jesus pode ocupá-lo completamente, e pode torná-lo infinitamente melhor com a sua presença.

Aqueles que não desejam nada mais do que Cristo, podem ter Sua presença, não como “alguém que se retira para passar a noite”, mas como um hóspede constante e permanente. Para aqueles na condição da igreja de Laodicéia, que não o receberam plenamente, ele oferece este gracioso convite: “Eis que eu estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, virei a ele, e cearei com ele e ele comigo” (Ap 3:20). Nós o acolheremos calorosamente como um convidado permitindo que sua plena e graciosa soberania repouse sobre nós? Se o fizermos, o pecado será removido; pois Jesus e o pecado não podem habitar no mesmo coração. O pecado e o ego devem estar mortos em nós para ajustar o coração ao Hóspede Celestial.

Esta é a morte que nos habilita a viver e reinar com Jesus quando ele vier. Sobre alguém assim completamente morto, as tentações de Satanás têm pouco efeito. Um morto não pode ser lisonjeado e conduzido ao orgulho, nem censura nem repreensões o levam ao desânimo. Assim, os verdadeiros seguidores de Jesus, cuja âncora penetrou no véu, sempre são capazes de dizer: “Nenhuma dessas coisas pode me mover”. “Se estivermos mortos com ele, também com ele viveremos” – viver com ele quando o pecado não for apenas removido de nossos corações, mas de todo o mundo, sim, de todo o universo; quando Satanás e todo o seu poder serão destruídos

para sempre; quando não houver nada para ferir ou destruir em todo santo monte de Deus, e toda a terra se encherá da glória de Deus como as águas cobrem o mar. “A vida que agora vivemos na carne, vivemos pela fé do Filho de Deus”, mas ali a esperança será transformada em alegria, a fé em realidade e a oração em louvor.

O DOM DA INDIVIDUALIDADE

“Deus conhece todo homem. Pudessem nossos olhos serem abertos, veríamos que a justiça eterna está operando em nosso mundo. Uma influência poderosa, que não está sob o controle do homem, está operando. O homem pode imaginar que está dirigindo as coisas, mas há influências mais elevadas do que as humanas em ação. Os servos de Deus sabem que Ele está trabalhando para contrariar os planos de Satanás. Aqueles que não conhecem a Deus não podem compreender Seus movimentos. Há em ação uma roda dentro de uma roda. Aparentemente, a complicação da maquinaria é tão intrincada que o homem pode ver apenas um emaranhado completo. Mas a mão divina, como vista pelo profeta Ezequiel, (Ez 1:15-28) é colocada sobre as rodas, e cada parte se move em completa harmonia, cada uma fazendo seu trabalho especificado, mas com liberdade individual de ação” [Manuscrito 13, 1898, Ellen G. White].

E assim é com a igreja de Deus na terra. Nenhum homem dirige o trabalho. Como todos os diferentes membros do sistema humano se unem para formar o corpo inteiro, e cada um desempenha seu ofício em obediência a inteligência que governa o todo, assim os membros da igreja de Cristo deveriam estar unidos em um corpo simétrico, sujeitos a uma não dividida inteligência santificada. “Pois assim como o corpo é um, mas tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora sejam muitos, são um só corpo, assim também Cristo. Pois por um Espírito fomos todos batizados em um corpo... e todos nós fomos feitos para beber de um Espírito. Pois o corpo não é um membro, mas muitos. Mas agora Deus colocou os membros, cada um deles, no corpo, exatamente como Ele desejava.

E se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? ...não deve haver divisão no corpo, mas que os membros tenham o mesmo cuidado uns com os outros. E se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Agora vocês são o corpo de Cristo e individualmente membros dele.” (1Cor 12:12-14, 18, 19, 25-27) “Deixemos de olhar para as falhas dos outros. Deixemos de falar de seus maus traços de caráter. Quando o Senhor disse a Pedro o que fazer, ele se virou e perguntou: 'Senhor, o que este homem fará?' O Senhor respondeu: 'O que importa a ti? Siga-Me tu' (João 21:20-22). É nosso encargo seguir a Cristo e então podemos aconselhar outros. O que queremos é religião individual, piedade pessoal” [Review & Herald, 16 de abril de 1889].

A religião é “o dever que devemos ao nosso Criador e a maneira de desempenhá-la”. A liberdade é “o estado de estar isento do domínio de outros, ou de circunstâncias restritivas. Na ética e na filosofia, é o poder em qualquer agente racional de fazer suas escolhas e decidir sua conduta por si mesmo, espontânea e voluntariamente, de acordo com suas razões ou motivos”. A liberdade religiosa, portanto, é a isenção do homem do domínio de outros, ou de circunstâncias restritivas: a liberdade do homem de fazer suas escolhas e decidir sua conduta por si mesmo, espontânea e voluntariamente: em seu dever para com seu Criador e na maneira de cumprir esse dever.

Visto que Deus criou o homem, na natureza das coisas o primeiro de todos os relacionamentos do homem foi com Deus; e o primeiro de todos os deveres não poderia ser outro senão o dever para com Deus. Suponhamos um tempo em que havia apenas uma criatura inteligente no universo. Ele foi criado: seu relacionamento com seu Criador, e seu dever para com seu Criador, era a única coisa que poderia existir. Esse é o primeiro de todos os relacionamentos que possivelmente podem existir. Por isso está escrito que “o primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor; e amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de toda a tua mente e com todas as tuas forças”.

Tudo o que há em toda alma é primeiro devido a Deus; porque tudo veio de Deus. Este, portanto, é o primeiro de todos os mandamentos, não porque é o primeiro que já foi dado pela palavra falada ou escrita; mas porque é o primeiro que existiu desde o princípio. E isso porque é a expressão do primeiro princípio da existência de qualquer criatura inteligente. O princípio estava ali, inerente à existência da primeira criatura inteligente, no primeiro momento de sua existência; e ali o princípio permanece eternamente, inalterado e imutável.

Agora, embora esse seja o primeiro de todos os relacionamentos possíveis, e o primeiro de todos os deveres; embora esse relacionamento e dever sejam inerentes à própria existência de criaturas inteligentes; ainda assim, mesmo nessa obrigação inerente, Deus criou toda criatura inteligente livre – livre para reconhecer essa obrigação ou não, livre para cumprir esse dever ou não, exatamente como ele escolher. De acordo com isso está escrito: “Escolhei hoje a quem servireis”. “Quem quiser, tome de graça a água da vida.”

Assim, é absolutamente verdade que em religião – no dever que devemos ao nosso Criador e na maneira de desempenhá-lo – Deus criou o homem inteiramente “isento do domínio dos outros e de circunstâncias restritivas;” o tornou livre “para fazer suas escolhas e decidir sua conduta por si mesmo, espontânea e voluntariamente”. Assim, a liberdade religiosa é um dom de Deus, inerente ao dom da própria existência racional.

Qualquer serviço a Deus que não seja escolhido livremente por aquele que o presta não é serviço a Deus. Não pode haver virtude nele; não pode haver nada de Deus nele. Qualquer serviço prestado a Deus que não seja escolhido livremente por parte daquele que o presta não pode ser de Deus; porque “Deus é amor”: e amor e compulsão, amor e força, amor e opressão, nunca podem andar juntos. Portanto, qualquer dever, qualquer obrigação, qualquer coisa, oferecida ou prestada a Deus que não seja de livre escolha do indivíduo, não pode nem ser de Deus nem para Deus.

De acordo com isto, quando o Senhor criou qualquer criatura – anjo ou homem – para que a criatura fosse feliz no serviço de Deus, e para que houvesse virtude em prestar serviço ou adoração a Deus, Ele o criou livre para escolher fazer assim. E isso é *individualidade*, e o direito divino a isso. Deus criou o homem livre. Quando o homem pelo pecado foi separado e perdido dessa liberdade, Cristo veio para restaurá-lo totalmente a ela. O caminho de Deus e de Cristo, portanto, é o caminho da liberdade. E a obra de Deus através de Cristo com a humanidade em toda a história do mundo tem sido tornar claro este caminho e dar ao homem a certeza absoluta desta “liberdade da alma”, que é a única liberdade verdadeira. Aquele que o Filho liberta é *livre de fato*.

É verdade, como mostra o registro inspirado, que a autocracia, conforme ilustrado no reino do rei Nabucodonosor; (Dan 3) aquele governo da supremacia da lei, como ilustrado no poder Medo-Persa; (Dan 6) que a união da igreja e do estado, conforme ilustrado na igreja Judaica e o poder Romano unido contra Cristo; (João 19) que a igreja como tal, conforme ilustrado na igreja de Israel contra os discípulos de Cristo; (Livro de Atos) não tem o direito de reivindicar autoridade ou jurisdição em religião. É igualmente, e ainda mais enfaticamente, verdade que, para ser leal a Deus e ao que é correto, ou fiel a si mesmo e a seus semelhantes, os três jovens hebreus, o homem Daniel, o Senhor Cristo e os apóstolos do Senhor, ignoraram absolutamente toda imposição de carácter religioso. Em cada caso o domínio de Deus foi usurpado. Em cada caso, o certo estava sendo completamente descartado e o errado estabelecido em seu lugar. Em tal caso e em tal momento poderia alguém que conhecesse a Deus ou se importasse com o direito, ficar parado e não fazer nada? A fidelidade a Deus não é nada? Será reconhecido unicamente o *erro* como tendo o direito de prevalecer? O homem nunca será verdadeiro - nem fiel a Deus nem ao direito, nem fiel a si mesmo nem a seus semelhantes?

Os três jovens hebreus agiram bem quando se recusaram a reconhecer qualquer direito de autocracia em questões de religião. Daniel agiu certo quando se recusou a reconhecer qualquer direito da lei do governo civil na religião. O Senhor Jesus Cristo agiu certo quando recusou reconhecer qualquer direito da igreja através do poder civil para tornar efetiva sua vontade. Os apóstolos e discípulos do Senhor agiram corretamente quando se recusaram a reconhecer qualquer direito da igreja para decidir ou ditar o que eles deveriam ou não deveriam crer e ensinar. Em cada um desses casos, Deus abertamente e em poderoso poder milagroso deixou perfeitamente claro a todos que esses indivíduos estavam agindo corretamente.

Dessa forma é demonstrado abertamente não apenas que eles estavam certos, mas que eles estavam divinamente certos. E em cada caso, a história foi escrita para que todos os poderes e pessoas para sempre saibam que tal curso de ação é divinamente correto. E quem quer que fique ao lado de Deus como fez cada um destes em seu tempo e lugar, pode saber que esta atitude está correta. São esses indivíduos e outros como estes que, em seus dias e de geração em geração, mantiveram viva no mundo a honra de Deus, que mantiveram viva a justiça no mundo, que mantiveram viva a integridade e a verdadeira masculinidade na humanidade; sim, são justamente esses e tais indivíduos abençoados que mantiveram o próprio mundo vivo.

Deus criou todas as inteligências absolutamente livres. Ele fez o homem, igualmente com outras inteligências, para ser moral. A liberdade de escolha é essencial para a moral. Formar uma inteligência que fosse incapaz de escolher por si mesma seria torná-la incapaz de ter liberdade. Portanto, Ele fez o homem, igualmente com outras inteligências, *livre para escolher*; e Ele sempre respeita aquilo de que Ele é o Autor, a liberdade de escolha.

Quando, no exercício dessa liberdade de escolha, uma inteligência escolhe que sua existência, com suas conseqüentes faculdades e poder, seja empregada estritamente sujeita à vontade e dentro do desígnio do Criador, com o Criador e no Criador, isto é, no sentido mais exato, estrito e verdadeiro autogoverno. E quando o serviço, a adoração e a fidelidade de cada inteligência devem ser prestados inteiramente por sua própria livre escolha, isso revela da parte de Deus, o Supremo e verdadeiro Governador, o princípio de governo com o consentimento dos governados.

Assim, o governo divino no que se refere tanto ao Governador quanto aos governados, o Criador e a criatura, é demonstrado e revelado como um governo de perfeita liberdade; e da liberdade perfeita por causa da *individualidade* perfeita.

Pelo pecado o homem perdeu sua liberdade e, portanto, sua individualidade. Mas no dom de Cristo tudo foi restaurado. “Ele me enviou para proclamar liberdade aos cativos”. “Cristo padeceu pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus”. Cristo [Yahshua], portanto, veio do Céu ao mundo para trazer de volta ao homem, e trazer o homem de volta ao que ele havia perdido. A individualidade foi o dom supremo do Criador. Na queda, isso foi perdido. No dom de Cristo o dia em que o homem pecou, o dom da individualidade foi restaurada ao homem. Durante as longas eras do despotismo pecaminoso e imperial, de Caim a Tibério César, os homens foram tão contínua e sistematicamente oprimidos que foram roubados de todos os vestígios da individualidade. Então Cristo veio ao mundo em carne humana como homem, e através de cada fase da experiência humana estabeleceu a individualidade do homem sobre sua própria base original e eterna (Mateus 25:15).

Portanto, sem o Cristianismo em sua pureza original e inerente não pode haver verdadeira individualidade. Mas, no interesse do despotismo, o próprio nome Cristianismo foi pervertido. E através de longas eras de tirania imperial eclesiástica, os homens foram novamente sistematicamente despojados de todo vestígio de individualidade. Na Reforma, Deus novamente restaurou os homens ao Cristianismo e à individualidade. Mas o Protestantismo se endureceu em formas e credos; e toda forma e denominação de Protestantes tem negado e feito tudo o que pode para destruir a liberdade e a individualidade Cristã. E agora, através da federação e confederação denominacional, nacional, internacional e mundial em religião e das religiões, novamente o despotismo imperial eclesiástico trabalhará com todo o poder mundano, sinais enganosos e maravilhas mentirosas, sistematicamente para roubar do homem finalmente todo vestígio de individualidade. Mas o Cristianismo em seu dom supremo de individualidade, como sempre, triunfará agora e finalmente sobre todos eles (Revelação 15:2, 3). (*Individualidade*, tenha sempre em mente; *não* individualismo: pois é distintamente o sufixo “**idade**”; nunca “**ismo**”) [Adaptado de *Individualidade em Religião*, por AT Jones].

A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

O povo de Deus tem aguardado muito por esse evento, desde os dias de Enoque (veja Judas 14-16) tanto que o mundo incrédulo passou a considerá-lo como um mito e uma fábula. Eles fecham os olhos para o fato de que nenhuma profecia das Escrituras falhou. Cidades, nações e famílias continuaram ou deixaram de existir, exatamente como os profetas indicaram; e a história prova que os profetas escreveram movidos pelo Espírito Santo.

A aparente demora provará ter sido um ato de misericórdia para com este mundo caído; será a grande oportunidade para os sábios acenderem suas lâmpadas e para os tolos dormirem. Dá valor à provação, saber que o tempo de graça está quase encerrado; e os sábios agradecem a Deus por cada dia de aparente atraso, para que possa ser melhorado o trabalho para Deus e sua causa.

A RELIGIÃO de NATUREZA HUMANA (6-6-6)

Há uma grande necessidade de que todos os que afirmam ser Cristãos Bíblicos creiam nas Escrituras tal como se leem. É necessário chegar a conclusões corretas sobre o que as Escrituras significam em sua referência ao “homem do pecado”, “que pensou em mudar os tempos e as leis.” Ele não tinha poder real para mudar os tempos e as leis de Deus, mas se julgava capaz de fazer essa obra; pois ele “se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é adorado; para que, como Deus, se assente no templo de Deus, mostrando-se como Deus”. Ele é um imitador do primeiro grande rebelde, o originador do pecado.

No céu, Satanás pensou em mudar as leis de Deus, e para este propósito ele mudou seu caráter e sua posição nas cortes celestiais, e influenciou outros até que se unissem a ele na obra de rebelião contra Deus; mas ele não teve sucesso em mudar as leis de Deus. Deus não alterou ou mudou sua forma de governo para se adequar às idéias de Satanás, mas tornou manifesto que o fundamento de seu governo no céu e na terra é tão imutável quanto é o próprio trono. Quando Satanás não pôde induzir todos os anjos a se revoltarem contra a lei de Deus, ele fez da Terra o cenário de sua rebelião, e por meio do homem do pecado procura realizar seu diabólico propósito.

Por meio do Papado, do poder romano, do homem do pecado, o propósito de Satanás é levado a cabo entre os homens; a lei e os tempos designados de Deus são postos de lado. Nisto vemos que os Protestantes professos encorajam o papismo; e falsos sistemas de adoração, contra os quais nossos pais se opuseram resolutamente, pondo em perigo até mesmo a propriedade e a vida, são agora fomentados, acarinhados e encorajados a se estender e ganhar ampla influência. Mesmo os Adventistas não examinam suas Bíblias como deveriam, e não dão atenção à advertência que foi dada a respeito da obra do homem do pecado. A Igreja Romana afirma que o papa está investido de autoridade suprema sobre todos os bispos e pastores, e essa alegação de supremacia já foi uma vez negada por todos os Protestantes. Eles assumiram a posição de que a Bíblia, e *unicamente* a Bíblia, constituíam a regra de fé e doutrina, que a Palavra de Deus é o único guia infalível para as almas humanas, e que é desnecessário e prejudicial tomar as palavras de sacerdotes e prelados da igreja visível em vez da Palavra de Deus.

Para o romanista, a Bíblia não é a autoridade final, porque revela claramente os erros do sistema Romano; e quem examina a Bíblia com um entendimento esclarecido, não pode estar em harmonia com este sistema falso por muito tempo. Aquele que examina a Bíblia para entender a verdade, não encontrará autoridade na Palavra de Deus para a pretensão de poder por parte de Papas e Cardeais. Não há nenhuma Palavra de Deus que sancione sua suposta superioridade ou supremacia sobre seu povo, assim como não há nenhuma Palavra para sancionar a reivindicação que Lúcifer fez no céu de superioridade sobre Cristo. A pretensão de superioridade do Papado é feita sob a influência do primeiro grande usurpador, que tão persistentemente insistiu em seu direito à supremacia sobre a hóstia de Deus. Através da Era das Trevas, aquela longa noite de ignorância e superstição – a reivindicação do Papado à superioridade e supremacia foi concedida por imperadores e reis, embora Deus não tivesse sancionado tal concessão, e levantou homens para contestar a reivindicação e quebrar o jugo Romano da Igreja de Deus.

Por meio de Seus agentes designados, Deus convocou a igreja a reafirmar sua independência, e na força de Deus ela permaneceu firme na liberdade com que Cristo a fez livre. Ela rompeu com o jugo papal e, com a Palavra de Deus em suas mãos, enfrentou o gigante malvado do Romanismo, assim como Davi enfrentou Golias em nome do céu, usando sua funda e algumas

pedras. O oponente de Israel foi morto pelo homem de fé; e enquanto os homens se apegam à Palavra do Senhor, eles não podem se associar a nenhum errôneo sistema Romano.

O Senhor pronunciou uma maldição sobre aqueles que tiram ou acrescentam às Escrituras. O grande EU SOU decidiu o que constituirá a regra de fé e doutrina, e Ele designou que a Bíblia fosse um livro acessível em todos os lares. A igreja que se apega à Palavra de Deus está irreconciliavelmente separada de Roma. Os Protestantes já estiveram uma vez separados desta grande igreja apóstata, mas estão se aproximando cada vez mais dela, e estão finalmente a ponto de reconciliar-se com a Igreja de Roma. Roma nunca muda. Seus verdadeiros princípios não se alteraram no mínimo. Ela não diminuiu a brecha entre ela e os Protestantes; eles fizeram todo o avanço. Mas o que isso argumenta para o Protestante de hoje? É a rejeição da verdade Bíblica que faz os homens se aproximarem da infidelidade. É uma igreja apóstata que diminui a distância entre ela e o Papado. E até mesmo os Adventistas denominacionais seguiram o exemplo, preenchendo o abismo da divisão no século XX.

Almas como Lutero, Cranmer, Ridley, Hooper, Huss, Jerônimo e os milhares de homens nobres que foram mártires pela causa da verdade são os verdadeiros Protestantes. Eles permaneceram como fiéis sentinelas da verdade, declarando que o Protestantismo é incapaz de se unir com o Romanismo, mas deve estar tão distante dos princípios do Papado quanto está o oriente do ocidente. Tais defensores da verdade não poderiam harmonizar-se com “o homem do pecado” mais do que Cristo e seus apóstolos. Em épocas anteriores, os justos sentiram que era impossível afiliar-se a Roma e, embora seu antagonismo a esse sistema de erro fosse mantido com risco de perder a propriedade e a vida, ainda assim eles tiveram coragem de manter sua separação e lutaram bravamente pela verdade. A verdade Bíblica era mais cara para eles do que riqueza, honra ou até mesmo a própria vida. Eles não podiam suportar ver a verdade enterrada sob uma massa de superstições e sofismas mentirosos. Eles tomaram a Palavra de Deus em suas mãos, e levantaram o padrão da verdade diante do povo, declarando ousadamente o que Deus lhes havia revelado através de diligente pesquisa da Bíblia. Eles morreram a mais cruel das mortes por sua fidelidade a Deus, mas por seu sangue eles compraram para nós liberdades e privilégios que muitos que afirmam ser Protestantes estão facilmente cedendo ao poder do mal.

Mas devemos abrir mão desses privilégios tão caros? Ofenderemos o Deus do céu depois que ele nos libertou do jugo Romano, novamente nos colocar em escravidão a esse poder anticristão? Devemos provar nossa degeneração ao renunciar à nossa liberdade religiosa, nosso direito de adorar a Deus de acordo com os ditames de nossa própria consciência?

A voz de Lutero, que ecoou pelas montanhas e vales, que sacudiu a Europa como um terremoto, convocou um exército de nobres apóstolos de Jesus, e a verdade que eles defendiam não podia ser silenciada pela fogueira, por torturas, por masmorras, pela morte; e ainda as vozes do nobre exército de mártires estão nos dizendo que o poder Romano é a apostasia predita dos últimos dias, o mistério da iniquidade que Paulo viu começar a operar mesmo em seus dias. O Catolicismo Romano está rapidamente ganhando terreno. O Papado está progredindo, e aqueles que desviaram os ouvidos de ouvir a verdade estão ouvindo suas fábulas ilusórias e se regozijando com os “avanços” do *Vaticano II*. O mundo Protestante está adormecido e perdeu a marca da distinção que os separava deste mundo carnal. Eles curaram a ferida que havia entre eles e o poder Romano.

Aprofundando-se na escuridão, eles não estão dispostos a aceitar a luz que Deus derramou em seu caminho – desviando seus ouvidos de ouvir a verdade. Eles falam com desprezo da ideia de que haverá um reavivamento da cruel perseguição passada por parte das mentes Romanistas e daqueles que compartilham da mesma mentalidade. Eles não reconhecem o fato de que a Palavra de Deus prediz plenamente tal evento, e não admitirão que o povo de Deus nos últimos dias sofrerá perseguição, embora a Bíblia assim o diz: “O dragão estava [irado] com a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo” (Ap 12:17).

O Papado é a religião de natureza humana, (666) e a massa da humanidade ama uma doutrina que lhes permite cometer pecado e, no entanto, os liberta de suas consequências. As pessoas devem ter alguma forma de religião, e esta religião, formada por artifício humano, e ainda reivindicando autoridade divina, convém à mente carnal. Homens que se julgam sábios e inteligentes desviam-se com orgulho do padrão de justiça, os Dez Mandamentos, e não acham que está em harmonia com sua dignidade indagar sobre os caminhos de Deus.

Portanto, eles entram em caminhos falsos, em caminhos proibidos, tornam-se auto-suficientes, auto-inflados, segundo o padrão do papa, não segundo o padrão de Jesus Cristo. Eles devem ter a forma de religião que exija o mínimo de espiritualidade e abnegação, e como a sabedoria humana não santificada não os levará a detestar o papado, eles são naturalmente atraídos por suas provisões, doutrinas e políticas. Eles não querem andar nos caminhos do Senhor. Eles são muito iluminados para buscar a Deus com oração e humildade, com um conhecimento inteligente da Sua Palavra. Não se importam em conhecer os caminhos do Senhor, suas mentes estão todas abertas a ilusões, todas prontas para aceitar e acreditar em mentiras. Eles estão dispostos a crer nas falsidades mais irracionais e inconsistentes como se fossem verdade.

A obra-prima do engano de Satanás é o papado; e embora tenha sido demonstrado que um dia de grande escuridão intelectual foi favorável ao Romanismo, será demonstrado que um dia de grande luz intelectual também é favorável ao seu poder; pois as mentes dos homens estão concentradas em sua própria superioridade e não gostam de reter a Deus em seu conhecimento. Roma alega infalibilidade, e os Protestantes estão seguindo na mesma linha. Até mesmo a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia absorveu esse erro. Eles não desejam buscar a verdade e ir da luz para uma luz maior. Eles se cercam de medo e preconceito, e parecem dispostos a ser enganados e a enganar os outros.

Mas, embora a atitude das igrejas seja desanimadora, não há necessidade de se entregar ao desânimo; pois Deus tem um povo que preservará sua fidelidade à Sua verdade, que fará da Bíblia, e da Bíblia somente, sua regra de fé e doutrina, que elevará o padrão e levantará a bandeira na qual está inscrito : **“Os Mandamentos de Deus e a fé de Jesus”**. Eles valorizarão um evangelho puro e farão da Bíblia o fundamento de sua fé e doutrina.

Para um tempo como este, quando os homens estão deixando de lado a lei do Senhor dos Exércitos, a oração de Davi é aplicável – “Este tempo é para ti, Senhor, para trabalhares; pois eles anularam a tua lei” (Salmo 119:126). Estamos chegando a um tempo em que o desprezo quase universal será lançado sobre a lei de Deus, e o povo fiel de Deus será severamente

provado; mas eles perderão seu respeito pela lei de *YAH* porque outros não vêem e percebem suas reivindicações obrigatórias? Que a última igreja de Deus, como Davi, reverencie a lei de Deus na proporção em que os homens a rejeitam e acumulam sobre ela falta de respeito e desprezo. Cuidado com a **RELIGIÃO de NATUREZA HUMANA!** [Adaptado de Ellen G. White].

PERSUASÃO vs. COMPULSÃO

Deus é amor, e Sua lei é um reflexo de Sua mente, uma transcrição de Seu caráter, portanto, Sua lei é uma lei de amor. Todos os seus mandamentos nascem do princípio do amor; portanto, o amor cumpre a lei (Rm 13:10). O Salvador que não veio para destruir a lei, mas para cumpri-la (Mt 5:17) e para magnificá-la e torná-la honrosa (Isaías 42:21), tinha a lei dentro de Seu coração e se deleitava nela (Salmo 40:8). Isso dá evidência conclusiva de que Seu serviço era um serviço de amor. Ele mesmo declara: “Tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço em Seu amor” (João 15:10).

O amor nos leva a prestar um serviço voluntário em alegre obediência, por isso o amor é necessário para o cumprimento da lei. “Este é o amor de Deus que guardemos Seus mandamentos” (1 João 5:3). Este é o único serviço que Deus aceitará, porque quando qualquer outro princípio que não seja o amor, ou qualquer outro motivo que não seja agradar a Deus, nos influencia em exercícios religiosos ou observâncias religiosas, somos governados por um princípio errado, por um motivo egoísta, e por isso adoramos e servimos a criatura mais do que o Criador, (Rm 1:25) e temos outro Deus diante do Senhor (Veja Êxodo 20:2, 3).

Vamos ilustrar este ponto. Quando uma pessoa começa no serviço de Deus, ou é batizada, ou se une à Igreja, ou cumpre qualquer dever religioso, ou se abstém de fazer o que as Escrituras proíbem, para se beneficiar ou agradar a um amigo, ou por causa da opinião pública ou um sentimento popular, ele exalta a criatura acima do Criador. Ele busca interesses egoístas e a honra dos homens, e não a honra que vem somente de Deus. Essa era a condição do povo Judeu no tempo de Cristo, e Ele fala disso como um obstáculo intransponível para que cressem Nele (João 5:44)! “Sem fé é impossível agradar a Deus” (He 11:6), e “tudo o que não é de fé é pecado” (Rom 14:23). Assim, uma observância religiosa formal e externa que não é prestada pela fé, para agradar a Deus e honrá-Lo, é realizada em incredulidade, para agradar a nós mesmos ou a nossos semelhantes. Isso é certamente exaltar e honrar a criatura acima do Criador, enquanto professa honrar e adorar a Deus, e isso não é apenas hipocrisia, mas idolatria; e visto que tal serviço e adoração não são motivados pela fé em Deus e inspirados pelo amor a Ele, são pecado contra Ele.

A observância religiosa prestada por influência ou pressão humana não pode ser aceitável a Deus, pois não é motivada pelo amor a Deus e pela influência de Seu Espírito. Além disso, tal serviço ou adoração prestado a uma agência ou poder obtido pela influência ou pressão, não é adoração a Deus. Quando o poder humano, seja ele exercido pela Igreja ou pelo Estado, nos leva à observância dos ritos e cerimônias da religião, prestamos obediência a esse poder e, assim, o adoramos, em vez de prestar obediência a Deus e adorá-Lo. Portanto, é uma questão de vital importância para todos nós que nos examinemos para ver se estamos na fé (2Co 13:5), a fé que uma vez foi dada aos santos (Judas 3), e ter a fé de Jesus (Ap 14:12), o que nos permitirá buscar a honra que vem somente de Deus, e adorar Aquele que fez o céu e a terra, o mar e as fontes das

águas, ou para ver se iremos ceder aos poderes terrenos e, assim, adorá-los por obedecer às leis que eles fazem para apoiar as instituições religiosas.

Dos princípios já estabelecidos, deve ser evidente que todo culto ou serviço deve ser voluntário e vir do coração para ser aceitável a Deus, e que o serviço obrigatório é realmente apenas exterior e formal, e, em vez de ser prestado a Deus, é dado ao poder que o compele.

A obediência na esfera da religião é a forma mais elevada de adoração, pois é o teste de fidelidade e lealdade; portanto, aqueles que procuram através da lei impor qualquer observância ou instituição religiosa estão realmente impondo uma adoração falsa em vez da adoração a Deus. Isso seria verdade quer a observância fosse ordenada nas Escrituras ou não; pois se os homens observam externamente uma instituição religiosa porque é imposta pela lei civil, sua observância não é prestada a Deus, mas ao poder que aplica a lei, e assim eles dão sua fidelidade e adoração a uma autoridade terrena em vez de dá-la ao Senhor, Criador do céu e da terra. É dessa forma que a besta e sua imagem são adoradas (Ap 13:11-15; 14:9).

Todos os verdadeiros Protestantes sabem que o mistério da iniquidade, que começou a operar nos dias de Paulo e se desenvolveu no “homem do pecado”, que se assentou no templo de Deus e se opôs e se exaltou acima de Deus (2Ts 2:3-7) não era outro senão a cabeça visível da igreja apóstata de Roma, simbolizada no Apocalipse por “Mistério, Babilônia a Grande, a Mãe das Prostitutas”. Ao abandonar seu marido, o Senhor do céu, e estabelecer uma conexão com o Estado, um casamento profano, ela fez uso do poder civil para impor obediência à sua vontade. Isso fez com que todos aqueles que se submeteram ao seu poder adorassem a besta, enquanto aqueles que se recusaram a se render desceram aos túmulos dos mártires, e por causa disso, ela é representada como embriagada com o sangue deles (Ap 17:6).

Em sua história vemos o resultado lógico e o fruto resultante da compulsão em assuntos de religião e, quando colocados em contraste com a vida, caráter e ensinamentos do Príncipe da Paz e Seus apóstolos, e o fruto de seus trabalhos altruístas atraindo os fiéis pelo amor, suplicando, persuadindo, exortando e suplicando ao povo que se reconcilie com Deus, temos uma lição objetiva que é muito instrutiva para aqueles que desejam ser ensinados por Deus.

Quando os professos Adventistas do Sétimo Dia, ou qualquer outra comunidade Protestante, abandonam seu Senhor unindo-se ao mundo e buscando o poder do estado para impor sua vontade sobre o povo em questões religiosas, não se seguirão os mesmos resultados vergonhosos que foram vistos quando a Igreja de Roma seguiu o mesmo curso? Causas semelhantes não produzirão efeitos semelhantes? Quando qualquer organização eclesiástica adota os mesmos princípios e a mesma política, e usa os mesmos meios que Roma usou para estender sua religião e promover sua causa, eles próprios não se tornam Romanistas de fato? E o trabalho deles não resultará tão desastroso e trará a mesma ruína em seu rastro como o trabalho de Roma?

Quando os professos Adventistas do Sétimo dia conseguiram o controle do poder civil, como fizeram em 1981, ao registrar comercialmente o nome da igreja para empregar esse poder no interesse de sua religião, processando os violadores de sua marca registrada, eles asseguraram uma união de Igreja e Estado, e fizeram uma imagem da besta (Ap 13:11-18). Controlando o poder civil através do engano e da ganância, e assim assegurando o cumprimento das leis,

vestidos em trajes comerciais, e ainda aplicados para sustentar a política empresarial religiosa, eles obrigam a obediência a sua vontade. Por isso, eles impõem a adoração da besta e a imagem da besta que eles estabeleceram.

Nisto, os professos Adventistas do Sétimo dia que afirmam ser Protestantes, ao abandonar os princípios do Evangelho da Paz e perdendo o Espírito do Príncipe da Paz, e substituindo a persuasão pela compulsão e o amor pela força, estão repetindo a história de Roma, e eles não podem escapar de seu destino mais do que as “filhas prostitutas” antes dela. Eles ficaram tão embriagados com o vinho da Babilônia, e têm participado tão amplamente do espírito do Anticristo, que são enganados ao acreditar que estão fazendo o serviço de Deus quando obrigam a obediência à sua própria vontade e usam o poder do estado para impor seus próprios pontos de vista. Este é o princípio papal – a política de Roma. Não é absolutamente cristão, mas manifestamente anticristão.

O Evangelho de Cristo é o poder de Deus para a salvação (Rm 1:16). Esse poder é o poder do amor em ATRAIR, CATIVAR, PERSUADIR, e sempre deixa a cada homem, por mais vil que seja, a liberdade de escolha. “Quem quiser, venha” (Ap 22:17). O Redentor do mundo diz: “Vinde a Mim”. Ele gentilmente convida todos a virem. Ele nunca pediu e não aceitaria poder terreno para realizar Sua obra, mesmo que Lhe fosse oferecido. Ele ensinou claramente que Seu reino não é deste mundo, então Seus servos não poderiam lutar ou usar a força para avançá-lo (João 18:36) e que aqueles que tomarem a espada (o emblema do poder humano: 666) perecerão pela espada (Mt 26:52).

Quando a Igreja apela ao Estado por poder para impor a obediência à sua vontade em assuntos religiosos, ela se afasta do Evangelho que é o poder de Deus, ela substitui o poder divino pelo humano, a persuasão pela compulsão, o amor pela força e a Evangelho pela lei.

Assim, os ministros da igreja se tornam ministros da lei para espionar, condenar, multar e prender, e aplicar as penalidades extremas da lei sobre aqueles que Cristo veio não para condenar, mas para salvar. Eles estão fazendo o trabalho do Salvador enquanto estão empenhados em tal trabalho? Deus me livre! Eles não exemplificariam melhor a vida e os ensinamentos do humilde Homem do Calvário se fossem verdadeiramente ministros do Evangelho, buscando por preceito e exemplo levantar os caídos, socorrer os desafortunados, ministrar aos doentes e necessitados, apontar aos pecadores o Cordeiro de Deus e, como Jesus, andar fazendo o bem? Serão conquistados para Cristo por intermédio da lei, com suas dores e penalidades, o infiel, o cético, o pagão, o herege, o dissidente, sim, e até o cismático? Ou serão conquistados pelo Evangelho, com seus convites graciosos, suas ternas ministrações, e seus trabalhos de amor? A resposta é óbvia!

A regra de ouro proíbe a compulsão e ensina a persuasão em questões de religião. Respirando o espírito de liberdade, concederá livremente aos outros o que reivindica para si. Ela exclui do rebanho de Cristo os bispos arrogantes, os eclesiásticos ambiciosos, os clérigos auto-inflados, que procuram dominar a herança de Deus tomando para si mesmos a “autoridade divina” e alegando ser os representantes de Deus na execução da “vontade divina” sobre aqueles que, em seu julgamento infalível (?) estão violando a “vontade divina” e trazendo um vitupério sobre seu “bom nome”. Esses professos servos de Jesus Cristo, no trabalho que estão fazendo e na posição

que estão assumindo, estão se exaltando acima do seu Senhor e seguindo o exemplo dos bispos de Roma. Cristo não julgou entre dois irmãos que discordavam em suas questões de propriedade, dizendo: “Quem me constituiu juiz ou repartidor entre vocês?” (Lucas 12:14) Agora, Seus servos professores estão se exaltando ao julgar entre irmãos – e desqualificam como seus irmãos os violadores da marca registrada.

Mesmo em questões de fé e consciência, eles passam a usar todo o poder terreno que podem alcançar para defender sua “política de trabalho” e punir o violador da “vontade divina”. Não mostram nisto que não são servos de Cristo? Eles se exaltam acima dEle e reivindicam uma autoridade e um poder que Ele não apenas não exerceu, mas que Ele rejeitou expressamente, e assim é visto que eles participam do espírito e da natureza daquele que se exaltou acima das estrelas de Deus, e declarou que ele seria como o Altíssimo (Is 14:12-14).

As palavras do ancião da Igreja Adventista WW Prescott são apropriadas para serem observadas e lembradas:

“As armas carnis não podem ser usadas com nenhuma vantagem em uma guerra espiritual. Quando Pedro cortou a orelha do servo do sumo sacerdote, Cristo o repreendeu e curou a ferida. Quando uma igreja em aliança com o Estado emprega o poder secular para impor suas doutrinas punindo os hereges, repudia a ideia essencial do Cristianismo. Aqueles que ordenam que desça fogo do céu e devore os opressores, não sabem de que tipo de espírito são” [*A Revista Protestante*, novembro de 1915].

Que todo amante da liberdade e todo amante do verdadeiro Cristianismo trabalhe por preceito e exemplo para inculcar o princípio ensinado na regra de ouro, a saber, a persuasão baseada no amor, que conquista o coração, em vez da compulsão baseada no medo, a qual só consegue formar hipócritas e idólatras. Os mártires foram aqueles que preferiram antes obedecer a Deus do que aos homens (Atos 5:29).

OS FUNDADORES DA LIBERDADE RELIGIOSA NOS EUA

“Todo homem, comportando-se como um bom cidadão, e sendo responsável somente perante Deus por suas opiniões religiosas, deve ser protegido em adorar a Divindade de acordo com os ditames de sua própria consciência” — Jorge Washington.

“Quando uma religião é boa, concebo que ela se manterá; e, quando não pode se manter, e Deus não cuida de a sustentar, de modo que seus Professores são obrigados a pedir o auxílio do Poder Civil, é sinal, creio, de que é uma religião ruim” — Benjamin Franklin.

A ESFERA DO GOVERNO CIVIL

O objetivo próprio do governo civil e o limite de sua autoridade não são suficientemente compreendidos por muitos atualmente. Por causa disso, aqueles que abusam dessa ordenança de Deus e a pervertem de sua legítima esfera de utilidade alcançam seus desígnios com muito mais facilidade.

O governo civil foi ordenado por Deus e, conseqüentemente, para um bom propósito. Sendo assim, nenhum verdadeiro filho de Deus pode ser um anarquista, ou resistir aos poderes constituídos. Mas, embora ordenado por Deus, e para um bom propósito, o governo civil não foi ordenado para tornar os homens religiosos, ou para punir os irreligiosos. Sua esfera não alcança a área da religião.

Quando, e com que propósito, então, o governo civil foi ordenado? O Sr. Young, ao estabelecer os princípios do governo e da lei em seu livro *Government Class*, p. 12, mostrando assim a necessidade de um governo civil, diz: “O homem é por natureza egoísta, e muitos infringiriam os direitos de outros para seus próprios fins egoístas, a menos que sejam restringidos. Por isso, vemos a necessidade de algumas regras fixas, para que cada um saiba o que pode e o que não deve fazer”.

Isso, em resumo, fornece todo o fundamento e base para a existência e necessidade de governos civis. Seu objetivo é proteger a humanidade em seus direitos, impedindo que outros os infrinjam. Eles foram designados para agir como um controle para a execução de fins egoístas, tornando-se um freio ao egoísmo. Eles têm sido uma necessidade reconhecida, porque, como o Sr. Young diz, “o homem é por natureza egoísta” e, portanto, precisa de algo para impedi-lo de agir de acordo com essa natureza, enquanto ele a possui.

Mas quando o homem se tornou egoísta? Quando esse traço, que é a raiz e a mola mestra de todo o mal e miséria que o mundo já conheceu, tornou-se parte da natureza do homem? Certamente não foi na criação, pois “Deus fez o homem reto”. O homem, portanto, como veio da mão do Criador, não precisava de governo civil. Não havia necessidade de governo civil na criação. Se podemos determinar quando o egoísmo entrou no mundo, então podemos dizer quando o governo civil se tornou uma necessidade. Mas isso não é difícil de determinar. Foi quando o homem caiu, quando cedeu à tentação, quando se tornou servo daquele ser que é a personificação de todo egoísmo, escolhendo seguir suas orientações para o aperfeiçoamento pessoal, em total desrespeito à ordem expressa e à proibição de Deus. Foi quando o homem por natureza se tornou egoísta. E só depois dessa época poderia haver alguma ocasião ou necessidade de governo civil.

Seguindo essa linha de pensamento um pouco mais adiante, também deve ser evidente que a necessidade de governos civis só pode existir enquanto o homem permanecer em uma condição decaída, enquanto ele possuir uma natureza egoísta. Não haverá tais governos no estado redimido. A necessidade disso então terá passado.

Além disso, é evidente que aqueles que se converteram, cujas afeições foram mudadas, que têm em si a mente de Cristo, que vieram a este mundo não para agradarem a si mesmos, não precisam de governo civil mesmo neste mundo, para manterem-se dentro dos limites da civilidade. Eles não se abstêm de roubar, mentir e matar porque o governo ameaça punir aqueles que fazem tais coisas, mas porque não está em seus corações fazê-lo. No que diz respeito a eles, a vida e a propriedade dos homens estariam tão seguras sem os governos civis quanto com eles. Aqueles para quem esses governos foram ordenados como um poder restritivo, geralmente procuram escapar da punição quando cometem tais ofensas; mas com Paulo o Cristão dirá: “Se eu for um transgressor, ou tiver cometido algo digno de morte, não me recuso a morrer” (Atos 25:11).

O cristão reconhece e respeita os direitos dos outros porque está convertido, porque ama o próximo como a si mesmo. Em suas ações, ele é governado pela mais sublime lei do amor, e não pelo código penal do Estado. Por outro lado, o medo da punição é o principal incentivo pelo qual o Estado influencia aqueles que não reconhecem um poder superior para respeitar os direitos de seus semelhantes. “Pois os governantes não são terror para as boas obras, mas para as más. Não terás medo do poder? [...] Pois se fizeres o mal, teme; porque não traz a espada em vão; pois ele é o ministro de Deus, um vingador para executar a ira sobre aquele que faz o mal” (Rom 13:3, 4). Deus confiou esta espada ao Estado, não à Igreja.

Que não se esqueça, então, que o objetivo apropriado do governo civil é a restrição que impõe pelo medo da punição que ameaça e executa, àqueles que de outra forma desrespeitariam os direitos dos outros na realização de seus próprios fins egoístas. E esse governo só pode lidar com os frutos do egoísmo, pois a sua área de atuação não tem nada a ver com o coração, que é a sede do egoísmo. Transformar esse coração por tais meios é uma impossibilidade absoluta. Uma mudança de coração é uma obra que requer poder criativo. Só pode ser feito através da influência que a religião exerce sobre a alma, pelo evangelho, que é “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”.

A área de atuação do governo civil e a da religião estão, portanto, amplamente separadas. Aqueles, portanto, que procuram realizar através do governo civil o que só pode ser alcançado através da religião, mostram sua ignorância tanto da verdadeira religião quanto da apropriada esfera e finalidade do governo civil. Eles têm uma aparência de piedade, mas negam o seu poder, buscando e usando o poder do Estado em seu trabalho religioso, em vez do poder de Deus. O governo civil é deste mundo. “Meu reino”, diz Cristo, “não é deste mundo”. E dos seus seguidores ele diz: “Vós não sois do mundo” (João 18:36; 15:19).

As armas do Estado são carnais. “Ele não traz a espada em vão.” Mas, falando pela Igreja, Paulo diz: “Porque, ainda que andemos na carne, não militamos segundo a carne; porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas poderosas em Deus para demolir fortalezas” (2 Coríntios 10:3, 4).

Aqueles, portanto, que apelam ao Estado para fazer valer suas idéias de religião não podem ser Cristãos, por mais alta que seja sua profissão de Cristianismo. Não pode haver evidência mais certa de que uma igreja que no passado desfrutou da bênção e do poder de Deus, caiu e perdeu sua conexão com Deus e sua confiança Nele, do que buscar o apoio do poder secular em sua obra. A todos esses, aplica-se a mensagem: “Caiu, caiu Babilônia”. E quando esta condição se torna geral, os verdadeiros e sinceros filhos de Deus não podem permanecer por muito tempo em sua comunhão. Eles ouvirão e atenderão ao chamado: “Sai dela, povo meu”. E, embora as leis da terra possam ter sido trazidas para o apoio de certos ritos e costumes religiosos, e sejam instados a eles com base no fato de que devem estar sujeitos aos poderes constituídos, eles recusarão obediência a quaisquer conflitos com a palavra e a lei de Deus, sabendo que *a Esfera do Governo Civil* não se estende à questões religiosas. Com os apóstolos eles dirão: “Antes importa obedecer a Deus do que aos homens”, e com os Reformadores: “Prometemos, portanto, nossa obediência ao imperador em todos os assuntos civis; mas quanto à Palavra de Deus, é a liberdade que demandamos”.

CONFIE EM DEUS

Deus nos deu o poder do autogoverno, que é a liberdade e a capacidade de tomar decisões. Não podemos mudar nosso coração, mas podemos *escolher* confiar e obedecer a Deus, e Ele promete trabalhar em nós para nos dar o desejo e o poder de viver em harmonia com Ele. Ao *escolher* confiar e obedecer a Deus, uma mudança total será feita em nossas vidas. Nós então receberemos Seu poder e força, e viveremos uma vida de vitória!

A HORA DO JULGAMENTO DE DEUS

O julgamento virá; mas aquele que prega o Evangelho em verdade deve dizer: “Chegou a hora do julgamento de Deus” (Ap 14:7). Em outras palavras, os livros estão abertos agora, e todos os casos, tanto dos mortos como dos vivos, devem ser decididos por toda a eternidade antes que Cristo possa encerrar Sua obra no santuário celestial e retornar a terra para trazer a prometida libertação e recompensa aos Seus servos.

O Salvador bondosamente nos enviou esta mensagem, não para que nos perguntemos quando o julgamento dos vivos começará, ou quando nosso caso aparecerá diante do tribunal divino, *mas para que possamos “chegar com confiança ao trono da graça, a fim de alcançarmos misericórdia e achar graça para socorro em tempo oportuno”* (Hb 4:16).

Deus não é um governante ou juiz arbitrário, mas em todas as Suas relações com o homem, ele o convida para cooperar com Deus em Sua obra, como está escrito: “Certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem antes revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas”. E assim, na questão do julgamento, o Senhor enviou uma mensagem ao Seu povo, a fim de que eles saibam da obra que está sendo feita, e que venham e apresentem seus casos diante do trono, e os decidam de uma vez por toda a eternidade.

A mensagem do primeiro anjo (Ap 14:6, 7) não é dada para os mortos, mas para que os vivos reconheçam seu grande privilégio de vir e apresentar seus casos para julgamento depois de haverem se preparado para este fim.

Há apenas três passos necessários para nos prepararmos para comparecer perante o tribunal com perfeita confiança e com a certeza de que o veredito será satisfatório.

Em primeiro lugar, reconhecer as reivindicações da lei de Deus. “Assim falai, e assim fazei, como aqueles que serão julgados pela lei da liberdade” (Tiago 2:12).

Em segundo lugar, reconhecer nossa própria injustiça. “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças são como trapo da imundícia” (Is 64:6).

Em terceiro lugar, aceitar a perfeita justiça de Cristo. “E este é o seu nome pelo qual será chamado: **“YAH é a NOSSA JUSTIÇA”**” (Jr 23:6; Veja também Salmo 68:4).

Depois de ter dado esses passos pela fé, estamos prontos para orar a oração: “Salva-me, ó Deus, pelo Teu nome, e julga-me pela Tua força” (Salmo 54:1). E o veredito voltará imediatamente:

“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Romanos 8:1). Avançando diariamente na Vida Divina você está seguro.

“Quem acusará alguma coisa aos escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é o que condenará? É Cristo que morreu, sim, que foi ressuscitado, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Rom 8:33, 34). Quando tivermos recebido esta mensagem pela fé, podemos seguir nosso caminho regozijando-nos, com nossas “faces iluminadas e resplandecendo com santa consagração”, pois perceberemos que “passamos da morte para a vida” (1 João 3:14). “Porque somos feita de dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2:10).

O Pai está esperando que recebamos Sua preciosa verdade em toda a sua plenitude, que será seguida imediatamente pelo derramamento da chuva serôdia, amadurecendo nossos frutos para a colheita final da terra. Você não vai receber Seu julgamento salvador hoje e estar preparado para a breve vinda de nosso abençoado Mestre?

“A palavra do Deus vivente não é apenas escrita, é também falada. A Bíblia é a voz de Deus falando-nos, tão certo quanto se a pudéssemos ouvir literalmente. Se compreendêssemos isso, com quanta reverência e santo temor abriríamos a Palavra de Deus, e com quanta sinceridade pesquisariamos os seus preceitos! A leitura e contemplação das Escrituras deveria ser entendida como uma audiência com o Infinito” [*Testemunhos para a Igreja, Vol. 6, pág. 393*].

A ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO

“Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estar no lugar santo... então os que estiverem na Judéia fujam para os montes...” (Mateus 24:15, 16).

“... eles profanarão o santuário da fortaleza, e tirarão o diário... e eles colocarão a abominação que causa a assolação” (Dn 11:31).

“E desde o tempo em que o diário for tirado, e a abominação assoladora estabelecida, haverá mil duzentos e noventa dias” (Daniel 12:11).

Os estudantes da Bíblia têm se concentrado nos textos acima por séculos. Numerosos comentários foram publicados e, em cada geração sucessiva, parece ter havido mais luz para elaborar o significado completo da *Abominação da Desolação*. Sem nos esforçarmos para consultar as “autoridades”, buscamos apenas confiar na inspiração do Espírito Santo para trazer um recente desdobramento deste assunto.

Ao escrever à igreja em Tessalônica, Paulo lhes chamou a atenção para a maneira pela qual a autoexaltação e o amor ao poder deveriam ser desenvolvidos na apostasia da Igreja. Falando da segunda vinda de Cristo e dos eventos que a precederão, Ele disse: “Esse dia não chegará sem que primeiro venha a apostasia, e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; que se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou se adora; para que, como Deus, se assente no templo de Deus, mostrando-se como Deus”. (2 Tessalonicenses 2:3, 4) Vemos como o

crescimento da exaltação própria foi o resultado da grande apostasia na Igreja durante a “idade das trevas”, constituindo o Papado, uma união de Igreja e Estado que infligia perseguição a Cristãos devotos.

A exaltação do ego no indivíduo destrona Deus do coração, colocando o homem diretamente sob o domínio do ego, do pecado e de Satanás. Conforme predito nesta Escritura, a tolerância por parte da Igreja, e a autoexaltação de seus líderes, resultou em colocar no templo de Deus (a Igreja) uma cabeça (papa) que se declarou como Deus na terra para governar o povo do Senhor.

Para evitar ser apanhado nesta armadilha de Satanás, o povo foi aconselhado a se apegar à “*verdade*”, à “*Palavra*”. Daqueles que estariam envolvidos nesta grande apostasia, o apóstolo disse: “Eles não receberam o amor da verdade para serem salvos... Os que não creram *na verdade*... Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé da verdade.” Quanto ao que a verdade significa aqui, lemos: “Irmãos, permaneçam firmes e mantenham as tradições que lhes foram ensinadas, seja *por palavras ou por nossa epístola*” (2 Tessalonicenses 2:10, 12, 13, 15).

À medida que esta “apostasia” é traçada através das páginas da história, vê-se em seu crescimento um afastamento dos ensinamentos diretos da Palavra de Deus. Em vez de se apegar à Bíblia como seu único padrão de fé e expressar essa fé na linguagem das Escrituras, entrou em seu ensino um princípio místico de interpretação. Em vez de seguir o conselho de Paulo: “Considere o que eu digo; e o Senhor te dê entendimento em todas as coisas”, eles estavam dizendo o que a Bíblia significava, sendo suas interpretações muitas vezes contrárias ao que as Escrituras em outras porções ensinavam. Aqueles que aderiram diretamente à “Palavra da verdade”, viram nesta “obra de mistério” um desenvolvimento do que o apóstolo havia predito. Ao proclamarem contra essa inovação, surgiu um conflito direto entre os que ensinavam verdades bíblicas claramente declaradas e os que aderiam a credos formulados por homens. Os mestres do credo, sendo “altivos” e autoconfiantes, logo perderam a influência modeladora do Espírito Santo em seus corações. E assim as pessoas que seguiram os redatores de credos foram rapidamente corrompidas e afastadas da simplicidade do Evangelho. Isso produziu como resultado a condição de estar “vazio, desolado e devastado” (Naum 2:10).

No estabelecimento desta “abominação desoladora” (Dan. 12:11), vemos que foram dados cinco passos distintos:

1. Formar um credo. Expressar a fé em redações elaboradas pelo homem em vez de aderir à Palavra como veio de Deus. Ao substituir interpretações humanas pela Palavra de Deus, eles se desviaram da verdade da Palavra.
2. Fazer desse credo elaborado pelo homem um teste de comunhão, denunciando como hereges todos os que não concordavam com as palavras exatas de seus credos.
3. Fazer do credo uma regra pela qual todos os hereges deviam ser julgados. Muitos foram assim declarados pecadores, cuja fé estava mais em harmonia com as declarações diretas da Bíblia do que a daqueles que os acusavam.

4. Constituir um tribunal para o julgamento de hereges, e excluir de sua comunhão todos os que não consentissem com seu credo. Não satisfeitos em excluí-los dos privilégios da igreja neste mundo, eles os declararam sujeitos ao lago de fogo.
5. Tendo assim despertado o ódio em seus próprios corações contra todos os que não se conformavam com seu credo, eles invocaram e obtiveram a ajuda do braço civil para torturar e matar com a espada, com a fome, com o fogo e com os animais da terra, aqueles que eles declararam como não dignos de permanecer neste mundo.

Então apareceu em ação uma classe de “Cristãos professos” com uma cabeça sobre eles, na verdade declarando que ele era “Deus na terra”, perseguindo outra classe de Cristãos devotos que em boa consciência estavam seguindo o SENHOR e Sua Palavra – uma classe dos quais pode-se dizer, “de quem o mundo não era digno” (Heb 11:38). Esta apostasia nós reconhecemos ter sido a Igreja Católica Romana, ou seja, o Papado. Aqueles afetados pela autoexaltada “cabeça” poderiam ter se identificado com a oração de Davi, (Salmo 143:2-4) “...não entres em juízo com Teu servo; porque à tua vista nenhum vivente será justificado. Pois o inimigo tem perseguido minha alma; ele derrubou minha vida por terra; ele me fez habitar nas trevas, como aqueles que morreram há muito tempo. Portanto, meu espírito está sobrecarregado dentro de mim; meu coração dentro de mim está desolado”. A condição acima é descritiva da *Abominação da Desolação* “estabelecida” no coração de um indivíduo.

Durante o período da Reforma Protestante o Todo-Poderoso garantiu um arsenal de indivíduos dedicados ordenados para diminuir a desolação das almas. No entanto, a doutrina de que Deus confiou à igreja o direito de controlar a consciência e definir e punir a heresia, é um dos erros papais mais profundamente enraizados. Ao passo que os Reformadores rejeitaram o credo de Roma, eles não estavam inteiramente livres do seu espírito de intolerância. Assim eles caíram, quando alguns deles se uniram ao Estado, e Deus teve que usar outras pessoas, que foram chamadas para sair de Babilônia e levar avante Sua obra.

Assim, a Reforma continuaria: “Assim diz o Senhor DEUS: No dia em que eu vos tiver purificado de todas as vossas iniquidades [no antítipo Dia da Expição], eu também *vos* farei habitar nas cidades (famílias bem estabelecidas e unificadas), e os desertos serão edificados [caráter aperfeiçoado]. E a terra assolada será lavrada [corações purificados], considerando que ela se encontra assolada à vista de todos que passavam [Babilônia]. E dirão: Esta terra que estava assolada se tornou como o jardim do Éden [cheio de vida vibrante]; e as cidades devastadas, e assoladas, e arruinadas, *estão* cercadas [com o padrão da lei de Deus], e estão habitadas [não divididas ou espalhadas]. Então os pagãos [igrejas mundanas e população sem igreja] que sobraram ao vosso redor saberão que eu, o SENHOR, edifico os *lugares* arruinados, e planto naquele que estava assolado [o sinal de santificação e redenção, o sábado de *YAH*, restaurado durante o “alto clamor”]; eu, o SENHOR, *o* falei e *o* farei [o poder da criação demonstrado pelo testemunho vivo]” (Ez 36:33 – 36). Esta é uma descrição maravilhosa da promessa de Deus para reviver Sua Igreja dos últimos dias à piedade primitiva – de como Aquele que santifica o *fará*, pela Sua Palavra (Colchetes acrescentados).

Nesta geração final, *YAH* tem liderado uma Reforma que deve continuar até o fim. Este movimento deve vencer, em nossa “era iluminada”, a última aparição do Anticristo – difundindo

a glória do Senhor por toda a terra (Ap 18:1). Mas o povo remanescente de Deus não viajará para a Canaã Celestial sem uma guerra feroz - sendo submetido a severas provações e testes. Um dos perigos finais mais sofisticados e enganosos deve ser reconhecido – *A Abominação Desoladora* em sua forma e atavio de “religioso-comercial”. Esta “abominação” é o paradigma da hipocrisia romana, sendo manifestada e estabelecida pelo falso profeta mencionado no Apocalipse (Ap 13:11-18; 16:13; 19:20; 20:10).

Este é o terceiro e último agente na evolução de uma “união tríplice” de poderes, designada por Satanás para travar guerra contra os santos do Altíssimo (Ap 12:17), numa tentativa de levar a desolação através do braço forte do governo civil. Este professo representante de Deus habilmente difama o povo de Deus observador do Sábado de uma maneira ainda não vista em toda a história da terra. Jesus diz: “... então haverá uma grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem nunca haverá” (Mt 24:21). Tendo tido grande luz e mantendo a mais alta profissão de uma “sociedade cristã” até a última geração, esta confederação, “antes pura”, mas agora corrupta, estabelece *A Abominação Desoladora* como um padrão no templo de Deus, anulando os “mandamentos de Deus e a fé de Jesus”.

Afirmando ser o povo de Elias (o verdadeiro profeta), eles provam ser o falso Elias (o falso profeta), empregando “fogo comum” “mas dizendo ser do céu” o qual é destinado a desolar “os próprios eleitos”, proibindo-lhes o “comércio legal” na mensagem final do Evangelho (Ap 13:13, 17). Em vez de buscar o “fogo sagrado” do amor de Deus para consumir suas *próprias* deficiências (cf. Hb 12:29; 1 João 3:8), eles fazem com que os fogos da perseguição sejam acesos sobre os santos que fielmente se submeteram à purificação na “fornalha da aflição” (Is 48:10), para que possam refletir perfeitamente o caráter de Cristo e proclamar Seu evangelho a um mundo que perece nas escórias da iniquidade.

“Quando pois virdes... *a Abominação da Desolação*... estar no lugar santo [a Igreja visível de Cristo], então os que estiverem na Judeia [a membresia da igreja] fujam para os montes [lugares seguros de adoração]” (Mateus 24:15, 16;) [colchetes acrescentados].

“Quando os símbolos idolátricos dos romanos fossem erguidos em terra santa, a qual ia um pouco além dos muros da cidade, então os seguidores de Cristo deveriam achar segurança na fuga. Quando fosse visto o sinal de aviso, os que desejavam escapar não deveriam demorar-se... Não deveriam hesitar um instante, para que não fossem apanhados pela destruição geral... Nenhum cristão pereceu na destruição de Jerusalém. Cristo fizera a Seus discípulos o aviso, e todos os que creram em Suas palavras aguardaram o sinal prometido (*A Abominação da Desolação*). ‘Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos’, disse Jesus, ‘sabei que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam’ (Lucas 21:20, 21)” [O *Grande Conflito*, p.26, 30].

“Como a aproximação dos exércitos romanos foi um sinal para os discípulos da iminente destruição de Jerusalém, assim essa apostasia [do romanismo na Igreja] será para nós um sinal de que o limite da paciência de Deus foi atingido” [Testemunhos *para a Igreja*, Vol. 5, pág. 451].

Os poucos fiéis, “depois de longo e severo conflito”, veem que “dissolver toda união com a igreja apóstata” é “uma necessidade absoluta se eles obedecerem à Palavra de Deus. Eles [não ousam] tolerar erros fatais para suas próprias almas, e dão um exemplo que poria em perigo a fé de seus filhos...” [O *Grande Conflito*, p. 45].

“Depois de longo e tenaz conflito, os poucos fiéis decidiram-se a dissolver toda união com a igreja apóstata, caso ela ainda recusasse libertar-se da falsidade e idolatria. Viram que a separação era uma necessidade absoluta se desejavam obedecer à Palavra de Deus. Não ousavam tolerar erros fatais a sua própria alma, e dar exemplo que pusesse em perigo a fé de seus filhos e netos” [O *Grande Conflito*, p. 45].

O anjo clama: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque é chegada a hora do Seu juízo...” (Ap 14:7). “Sai dela (Babilônia caída), povo meu, para que não sejais participantes dos seus pecados (abominações), e para que não incorras nas suas pragas (desolações). Pois seus pecados chegaram até o céu (o limite da tolerância de Deus”, veja Gn 11:4-9) e Deus se lembrou de suas iniquidades (abominações) (Ap 18:4, 5).

Você tem apenas um caminho seguro – saia da cidade perversa! Caso contrário, as terríveis palavras serão ouvidas: “...eu nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7:23). “E a terra irá tremer e sentir tristeza, porque todo desígnio do SENHOR será realizado contra Babilônia, para fazer a terra de Babilônia uma desolação, sem um habitante” (Jr 51:29).

A MORTE DO EGO

Você deve estar disposto a deixar sua própria mente carnal para experimentar a morte do ego, ensinada pelo apóstolo Paulo. Devemos *escolher* sinceramente como uma escolha eterna - dia a dia, momento a momento, dia e noite – ter apenas a mente de Jesus.

O VINHO DE BABILÔNIA

Os males que surgiram da união da igreja e do estado nos séculos III e IV nunca serão plenamente discernidos até o Dia do Juízo. Há algo na natureza de tal união que parece torná-la desejável para muitos, mesmo para Cristãos professos. No entanto, é controlado por um espírito que é enganoso em sua natureza, ativo em seu trabalho; e cujo fim é o mal e somente o mal.

Essa união de Igreja e Estado foi o que formou o Papado – um poder perseguidor – visto pelo profeta João, e com o qual os reis da terra cometeram fornicção, e pelo vinho da ira de cuja fornicção os habitantes da terra se embriagaram (Ap 17:2). Esta igreja corrupta é descrita como representando grande riqueza. “E a mulher estava vestida de púrpura e escarlata, e ornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, tendo na mão uma taça de ouro cheia de abominações e imundícias de sua prostituição” (Ap 17:4).

Sua iniquidade é assim descrita no quinto e sexto versículos: “E sobre sua cabeça estava escrito um nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E

ABOMINAÇÕES DA TERRA. E vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus; e quando a vi, maravilhei-me com grande admiração”.

Ao formar esta união com o Estado, a Igreja entrou em um caminho que só poderia levar à destruição; pois quando as nações da terra são representadas como dando seu poder à besta, seu fim é forçosamente retratado nas seguintes palavras. “Eles pelejarão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá; porque ele é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; e os que estão com ele são chamados, e escolhidos, e fiéis.” No final da batalha do grande dia, a besta e os reis da terra e seus exércitos, que se reuniram para fazer guerra contra Aquele que estava montado no cavalo, são descritos como sendo lançados vivos em um lago de fogo ardente com enxofre (Ap 19:20). Consequentemente, a formação desta união foi a *queda final* que os empurrou para aquele caminho descendente preparado para a sua destruição final, todos os que, professando o Cristianismo ou não, haviam participado do espírito de perseguição. Esse é um daqueles pecados que são generativos em sua natureza e, no final, colocam a alma fora do alcance da esperança.

Quão importante é que não apenas tenhamos opiniões corretas sobre quais são as reivindicações apropriadas de Deus sobre nós e quais são as de César, mas que possamos apresentá-las corretamente aos outros. Não é raro que, quando falamos dos males de uma união da igreja e do estado, como por exemplo aplicada à legislação dominical, homens de inteligência tem comentado que não seria possível em nossos dias que tal projeto fosse aprovado no Congresso; no entanto, ainda na década de 1880 foi mostrado que esses mesmos homens assinaram a petição para a Lei Dominical Nacional (Blair Sunday Rest Bill de 1888), não percebendo nada de sua verdadeira natureza. É verdade que em nossa sociedade secular uma Lei Dominical Nacional, restringindo o livre exercício da religião, parece improvável. No entanto, “o Congresso está muito ansioso para interferir na religião. Em fevereiro de 1981, 280 delegados representando quase todas as religiões organizadas do país se reuniram em Washington para reclamar que o governo estava interferindo nas atividades da igreja muito mais do que nunca na história da nação” [God Cares, vol. 2, p. 347 - 48].

Os tribunais federais estão tomando decisões que preparam o terreno para a religião protegida pelo Estado. Existem milhares e até milhões de pessoas ao nosso redor que só precisam ser esclarecidas quanto à natureza deste trabalho, para serem despertadas para se opor a ela. O verdadeiro espírito do Protestantismo deve ser renovado.

Adorar a Deus pela imposição do poder civil ou através deste é como orar mecanicamente – só que muitas vezes pior. Os primeiros Reformadores trouxeram com eles, da Igreja Católica Romana, muito de seu espírito a esse respeito; e foi apenas por falta de oportunidade que eles não o praticaram mais do que o fizeram. João Calvino sempre acreditou nisso. Melancton, amigo íntimo de Lutero e Calvino, endossou a doutrina e a recomendou. João Knox, que esteve associado a Calvino durante anos, incutiu o mesmo espírito nos Reformadores escoceses. Em uma obra escrita por Calvino refutando os supostos erros de Servetus, entre as muitas questões discutidas, está “se é lícito aos Cristãos ou aos magistrados punir os hereges”.

A afirmativa é mantida por Calvino e subscrita por catorze outros ministros. Foi Calvino, em sua carta escrita em fevereiro de 1546, que reconheceu ter recomendado a condenação de Servetus. Ele diz que Servetus lhe escreveu uma carta, incluindo nela uma grande lista de suas idéias

extravagantes e visões intimidadoras, propondo que “eu veria coisas extraordinárias e inauditas, se eu estivesse disposto que ele viesse aqui. Mas eu não estava disposto a dar minha promessa; pois se ele tivesse vindo, eu deveria ter usado minha autoridade de maneira a não permitir que ele partisse vivo. Calvino escreveu ao rei da Inglaterra recomendando que a heresia à fé que eles haviam abraçado fosse restringida pelo braço do poder civil [Veja *Life of John Calvin*, de Theodore Beza].

Os reformadores Protestantes da Inglaterra, mesmo alguns dos que sofreram o martírio, aconselharam reprimir os hereges pelo poder civil. Os filhos dos Reformadores, que vieram para os Estados Unidos em busca de liberdade de consciência, trouxeram consigo o mesmo espírito – e o mundo inteiro ficou embriagado com este vinho de Babilônia. A sociedade moderna está completamente enganada quanto ao efeito desse “vinho” sobre o povo; e quando a perseguição veio sobre o Ramo Davidiano Adventista do Sétimo Dia em Waco, Texas, *não* foi chamada perseguição religiosa, como tampouco o foi nos dias do governo papal. Era *apenas* a lei da terra; portanto, apenas um “regulamento policial”.

The Washington Post, 28 de maio de 1995 relata: “Dois anos depois, [o cerco de Waco] ainda assombra participantes proeminentes, como Dick DeGuerin, um dos principais advogados de defesa do Texas e uma das duas únicas pessoas autorizadas a falar com Koresh durante o cerco, e o padre Católico Jim Deaconson, que ministrou aos agentes da ATF, ouviu suas confissões e agora acredita que todo o episódio equivalia à '*perseguição de uma igreja*'”. Nas ilhas pagãs que foram Cristianizadas, a ideia também prevalece entre os religiosos que eles devem ter o Cristianismo estabelecido por lei.

É assim que o reino pacífico de Cristo é visto em todo o mundo, e é assim como o evangelho deve ser estabelecido nos países pagãos. Se os Cristãos dos Estados Unidos da América são a favor da legalização do “Cristianismo”, não é de surpreender que seus missionários participem do mesmo espírito. Não é maravilhoso que uma nação como a nossa, a única na terra fundada sobre leis deixando a religião onde Cristo a colocou (separada do governo civil) – uma nação que teve uma prosperidade sem paralelo, pense que é seguro seguir as pegadas do Papado, cuja trilha sangrenta, encharcada pelo sangue dos mártires Cristãos, é tão facilmente traçada ao longo dos tempos? Não é muito mais estranho que quando alguns homens e mulheres tementes a Deus entraram em um país pagão, e muitos deles selaram seu testemunho com seu sangue para obter a vitória da cruz – que a única maneira de reter a vitória conquistada por tal preço, é por uma união de igreja e estado, privando o povo – os descendentes desses pioneiros – de sua liberdade de consciência e obrigando-os por lei a adorar a Deus e se tornarem Cristãos? Cristo designou que o coração fosse abrandado pela lei civil, a fim de que Seu Espírito pudesse entrar e habitar nele?

A experiência tem-nos mostrado, a cada momento, que quando o homem assume este trabalho com as próprias mãos, é necessário utilizar máquinas de tortura e muitos outros instrumentos ou meios de intimidação e tortura para extorquir confissões. Além disso, para o crime de discordar conscientemente de uma fé e com firme convicção, a estaca e a morte eram as penas correspondentes.

Há poder no Evangelho para alcançar vitórias sobre toda a idolatria e a superstição. Então, por que os homens abandonam o poder que lhes permitiu alcançar a vitória e confiam para seu sucesso futuro na força do braço civil finito? Parece que, quando aqueles que sofreram e

morreram pela promulgação do Cristianismo, já não estão mais presentes e ativos no cenário da ação, seus filhos, que tomam seus lugares, tentam jogar a “capa de piedade” em torno de si, empregando o poder do braço civil.

É o “vinho da fornicção” (Ap 14:8; 18:3) que leva à *própria fornicção*. A palavra “fornicação” significa relações sexuais ilícitas entre os sexos. A Igreja tornou-se corrompida pela apostasia e por absorver vários erros que não estão de acordo com a Bíblia. Isso resultou em seu estado *confuso* chamado “Babilônia mística”. E então Babilônia, embora negasse o nome, ainda estava desposada com Cristo, e Deus não a havia abandonado. Na verdade, Ele desejava curá-la e restaurá-la totalmente. Ela pertencia a Ele, e professou fazê-lo. Mas quando ela recusou Seu remédio, preferindo os erros do mundo, ela caiu. Quando Deus em misericórdia envia Sua verdade aos olhos de seus seguidores e do mundo, Babilônia deve renunciar aos seus erros e aceitar a verdade, ou tentar justificar os seus erros. As igrejas contemporâneas, em sua maioria, escolheram o último curso.

De vez em quando, almas honestas, compelidas pela convicção do dever, sacrificaram tudo e atenderam à voz do Pastor. Mas as organizações eclesásticas não têm feito isso. Seus representantes têm procurado defender sua posição, no que consideram um teste, baseado em perversões das Escrituras. Caindo nisso, eles confiaram na tradição, credos e política mundana. Tendo falhado a tradição mentirosa e a sabedoria humana, eles se voltaram e estão se voltando cada vez mais para as nações da terra e implorando-lhes que usem o poder civil para impor sua(s) instituição(ões) não escriturísticas(s). Em outras palavras, eles se voltaram do poder do Evangelho de Cristo para a lei civil; de Cristo, o marido legítimo, e se prostituíram com os governantes da terra.

Romper sua união com Cristo em sua libertinagem leva à união ilegal com o mundo. Rejeitar Cristo dentro do coração pela fé – “o mistério da piedade” – significa entronizar em Seu lugar “o mistério da iniquidade”. Rejeitar o Evangelho, Sua armadura de justiça e a Palavra de persuasão leva à aceitação da lei do homem, das armas carnais e das palavras de coerção, intimidação e tirania.

O mundo inteiro está embriagado com o *vinho de Babilônia*. A única esperança e resposta para este estado confuso é a instrução do poderoso anjo de Apocalipse, capítulo 18: “E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder; (poder do Evangelho, Rm 1:16) e a terra foi iluminada com Sua glória. E clamou fortemente com voz forte, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e detestável. Pois todas as nações (povos) beberam do vinho da ira da sua fornicção (união de igreja/estado) e os reis da terra se prostituíram com ela, e os mercadores da terra estão enriquecidos com a abundância de suas delícias. E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas” (Apoc. 18: 1-4).

Como é a sua congregação religiosa? Você está confuso? Sua igreja se uniu ao mundo? Você está cansado de ser enganado e desviado? Você já desistiu do Cristianismo? Então venha para o Bom Pastor. Ele irá guiá-lo em segurança para o Seu aprisco e ao estado mental de sôbria compreensão. As portas do inferno não prevalecerão contra Ele ou Sua Igreja.

A PARÁBOLA

Havia duas mulheres: uma foi até seu servo e disse: “Faça para mim UM DIA que todos respeitem e declarem sagrado”. A outra mulher chamou seu servo e disse: “Faça para mim um NOME que ninguém difame, e todos considerem abençoado”. O servo da primeira mulher voltou dizendo: “Fiz um DIA SAGRADO para você; ele será respeitado e obrigatório por meio de penhor civil.” O servo da segunda mulher voltou dizendo: “Eu fiz um NOME ABENÇOADO para você, e o governo prometeu protegê-lo da difamação e uso não autorizado para sempre”. Quem são as duas mulheres? Como sabemos que as duas mulheres estão de acordo?

O VERDADEIRO PROTESTANTE

Protestante: (Definição) — “Um cristão de uma igreja que não seja a Igreja Católica Romana ou Igreja Oriental”.

Protestante: “Aquele que protesta” [*Webster's New American Dictionary*, 1939].

Protestante: “Originalmente, qualquer um dos príncipes Alemães e cidades livres que formalmente protestaram contra a decisão da Dieta de Espira (1529) de aplicar o edito da Dieta de Worms contra a Reforma” [*Webster's New World Dictionary, College Edition*, 1962].

É muito interessante e um tanto decepcionante como os significados das palavras tendem a perder seu impacto e seu verdadeiro significado ao longo do tempo. Lembro-me do exemplo uma vez compartilhado comigo de uma nova camisa branca. Quando nova, a camisa é obviamente “branca como a neve”. Com o passar do tempo e várias lavagens, a camisa ainda parece ter a mesma cor branca. No entanto, no dia em que uma camisa branca novinha em folha é trazida para casa para ser pendurada no armário, uma comparação é feita. Que decepção ver como a camisa velha ficou “amarelada” com o uso. Assim é com o *Protestantismo* – uma vez protestaram, e agora estão fazendo concessões.

Leia sobre o espírito do *verdadeiro protestante*:

“Os princípios contidos neste célebre Protesto [de Espira]... constituem a própria essência do Protestantismo. Este protesto se opõe a dois abusos do homem em matéria de fé: o *primeiro* é a intromissão do magistrado civil e o *segundo* a autoridade arbitrária da igreja. No lugar desses abusos, o Protestantismo coloca o poder da consciência acima do magistrado civil, e a autoridade da palavra de Deus acima da igreja visível. Em primeiro lugar, rejeita o poder civil nas coisas divinas e diz com os profetas e apóstolos: “Devemos obedecer antes a Deus do que aos homens”. Na presença da coroa de Carlos V, ergue-se a coroa de Jesus Cristo. Mas vai mais longe: estabelece o princípio de que todo ensino humano deve ser subordinado aos oráculos de Deus.' ...Os protestantes, além disso, afirmaram seu direito de expressar livremente suas convicções da verdade. Eles não apenas acreditariam e obedeceriam, mas ensinariam o que a palavra de Deus apresenta, e negaram o direito do sacerdote ou magistrado de interferir. [O *Grande Conflito*, p. 181].

No passado Wycliffe, Huss, Jerônimo, Lutero, Wesley, Waldo, Roger Williams, Calvin, Tyndale, Zwingli, Knox, Latimer, Melancthon, e muitos outros, todos pela fé divina,

permaneceram no solo sagrado do Verdadeiro Protestantismo. E, no entanto, esses homens, em sua maioria, eram guardadores do Domingo, crendo que o domingo era o sétimo dia da semana, ou que a solenidade do Sábado havia sido transferida para o primeiro dia da semana [ambos os princípios estavam errados]. Pelo testemunho da Igreja Católica Romana, lemos:

“Por séculos, todas as nações Cristãs olharam para a Igreja Católica e, como vimos, os vários estados impuseram por lei suas ordenanças quanto ao culto e à cessação do trabalho no Domingo. O Protestantismo, ao descartar a autoridade da igreja, não tem uma boa razão para sua teoria do Domingo, e logicamente deveria guardar o dia de Sábado como o Sabbath. O Estado, ao aprovar leis para a devida santificação do Domingo, está inconscientemente reconhecendo a autoridade da Igreja Católica e cumprindo mais ou menos fielmente suas prescrições. O Domingo, como um dia da semana reservado para o culto público obrigatório ao Deus Todo-Poderoso, a ser santificado pela suspensão de todo trabalho servil, comércio e ocupações mundanas e por atividades de devoção, é puramente uma criação da Igreja Católica” [*The American Catholic Quarterly Review*, janeiro de 1883, pg. 152, 139; citado em *Bible Readings for the Home*, p. 425].

“O Papa não é apenas o representante de Jesus Cristo, mas é o próprio Jesus Cristo, escondido sob o véu da carne” [*The Catholic National*, julho de 1895].

“A observância do Domingo pelos Protestantes é uma homenagem que eles prestam à autoridade da igreja *Católica*” [Monsieur Louis Segur, *Plain Talk About the Protestantism of Today*, 1868, p. 213; *ibid*, pág. 430].

O jornal oficial da Diocese de Cleveland diz:

“Com que autoridade a Igreja mudou a observância do Sabbath do dia de Sábado para o Domingo?”

“A Igreja mudou a observância do Sábado para o Domingo pelo direito da autoridade divina e infalível que lhe foi dada por seu Fundador, Jesus Cristo. O Protestante, alegando que a Bíblia é o único guia de fé, não tem apoio bíblico para observar o Domingo. Neste assunto, o Adventista do Sétimo Dia é o único Protestante consistente...” [*The Catholic Universe Bulletin*, 14 de agosto de 1942, p. 4; *ibid*, pág. 430].

“...o Adventista do Sétimo Dia é o *único Protestante consistente*...” foi uma declaração para se orgulhar em 1942. Mas o que aconteceu com a Igreja Adventista do Sétimo Dia? Em 1942, eles estavam no solo sagrado do **VERDADEIRO PROTESTANTISMO**.

Nossa discussão requer um retrocesso neste ponto para reunir alguns antecedentes históricos e princípios relevantes.

O Anticristo foi reconhecido por Lutero como papa. “... por fim eu sei que o papa é o Anticristo, e que seu trono é o do próprio Satanás.” [Citado em *O Grande Conflito*, p.126] Wycliffe entendia o ofício do papa ser o Anticristo. “... Wycliffe pediu ao povo que considerasse se esses dois [papas rivais] não estavam falando a verdade ao condenar um ao outro como o Anticristo”

[*ibid.*, pág. 79]. Esta posição tem sido a norma para os Protestantes conservadores desde a Reforma. Em *Bible Readings for the Home*, publicado (1963) pela Review and Herald Publishing Association, a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia mantém a mesma postura dos reformadores no capítulo intitulado “O Reino e a Obra do Anticristo”, pp. 204 – 210. Mas em 1976, o Presidente da Associação Geral, Neal C. Wilson é citado em *Conflict*, p. 6, dizendo: “Embora seja verdade que houve um período na vida da Igreja Adventista do Sétimo Dia em que a denominação adotou um ponto de vista distintamente anti-Católico Romano, ...aquela atitude por parte da igreja não era nada mais do que a manifestação de uma posição de antipapado generalizado entre as denominações Protestantes conservadoras no início deste século, e que agora, no que diz respeito à Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi *remetido para o lixo histórico*” (ênfase acrescentada). Assim, podemos ver claramente um declínio significativo [ou queda] na posição Protestante, uma vez mantida pela Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Resumindo o que foi discutido até agora do ponto de vista do *VERDADEIRO PROTESTANTISMO*, notamos que a Igreja Católica Romana é o reino do Anticristo, com o papa sentado no trono como “o homem do pecado”. Além disso, descobrimos que as autoridades da Igreja Romana de 1942 consideravam “o Adventista do Sétimo Dia [como] o *único Protestante consistente*”. A partir de 1976, a Igreja Adventista do Sétimo Dia começou a fazer óbvias “concessões à Roma”.

“Enquanto o mundo protestante está por sua atitude fazendo concessões a Roma, despertemos para compreender a situação e observar em seus verdadeiros lances a contenda ante nós. Ergam os vigias agora a voz e dêem a mensagem que é verdade presente para este tempo. Mostremos ao povo onde nos encontramos na história profética e procuremos despertar o espírito do verdadeiro protestantismo, acordando o mundo para a intuição do valor dos privilégios da liberdade religiosa por tanto tempo usufruídos.” [*Testemunhos para a Igreja, Vol. 5, pág. 716*].

Para ver onde estamos na história profética, precisamos ver como Deus trabalhou com Seu povo pelo canal da verdade.

“Quando a igreja primitiva se afastou de Deus e absorveu erros pagãos, ela se tornou a Babilônia. Quando ela se uniu ao estado, ela caiu e, como organização, não era mais o corpo de Cristo. Enquanto as igrejas da Reforma se apegaram firmemente à palavra de Deus, Cristo estava com elas. Quando elas cristalizaram seus vários erros em credos, esforçando-se desta maneira para limitar a palavra de Deus, fizeram-se filhas de Babilônia. Quando alguns deles se uniram ao estado, eles caíram, e Deus teve que usar outras pessoas, chamadas à sair de Babilônia para levar adiante Sua obra. Agora, (1896) entre essas mesmas igrejas que saíram da segunda Babilônia, reina a confusão; e agora (1896) a grande Babilônia, incluindo as filhas posteriores, está em união adúltera com os reis da terra e está se esforçando para tornar essa união mais forte. Deus não chama nenhuma igreja de Babilônia enquanto esta se apegue à Sua palavra e siga a luz que dela brilha...” [*International Sabbath School Quarterly, First Trimestre, 1896*].

Isso significa que em 1896 a Igreja Adventista do Sétimo Dia era a única igreja chamada por Deus para levar avante Seu evangelho. Todas as outras estavam “em união adúltera com os reis da terra”. Já em 1846, Ellen Harmon [White] viu: “... que o terceiro anjo proclamando os

mandamentos de Deus e a fé de Jesus, representa o povo que recebe esta mensagem, e levanta a voz de advertência ao mundo para guardar os mandamentos de Deus e Sua lei como a menina dos olhos...” [*Life Sketches of Ellen G. White*, p. 96]. Que outro povo Deus chamou para dar a advertência de Apocalipse 14:9 – 12 que diz o seguinte?

“E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo em alta voz: Se algum homem adorar a besta, e a sua imagem, e receber sua marca em sua testa, ou na sua mão, este beberá do vinho da ira de Deus, que é derramado sem mistura no cálice da sua indignação; e ele será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos, e na presença do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para sempre e sempre; e eles não têm descanso de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem, e quem quer que receba a marca de seu nome. Aqui está a paciência dos santos; aqui estão aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Ap 14:9-12).

Quem está dando este aviso hoje? Não é a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, pois eles já tinham enviado essa mensagem em 1976 para a pilha de lixo histórico”. As várias ramificações de observadores do Sábado estão anunciando uma ampla variedade de mensagens, mas nenhuma inclui a “mensagem do terceiro anjo em verdade”. *O VERDADEIRO PROTESTANTISMO* deve pregar a mensagem de advertência de Apocalipse 14 como prescrito. Visto que a Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia falhou em sua missão, qual é o seu estado espiritual? Quando ela “se afastou de Deus e absorveu erros pagãos, ela se tornou Babilônia (1903)”.

“Eu vi nosso Instrutor (Jesus) apontando para as vestes da chamada justiça. Tirando-as, pôs a descoberto a corrupção que estava por debaixo. Disse-me Ele, então: Não vê como eles pretensiosamente encobriam seu depravamento e corrupção do caráter? ‘Como se fez prostituta a cidade fiel!’ Isaías 1:21. A casa de Meu Pai é feita casa de comércio, um lugar de onde fugiram a presença e glória divinas!” [*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 8, pág. 250, 1903].

“Quando ela se uniu ao estado, ela caiu e, como organização, não era mais o corpo de Cristo.” Esta condição foi cumprida ao registrar o nome Adventista do Sétimo Dia em 1981 (união de igreja-estado), a perseguição dos dissidentes (1988 – 1991) nos Estados Unidos e na recusa de um arrependimento corporativo. Esta conformidade da Conferência Geral com a mente de Roma a “marcou” como uma “imagem da besta”. Nesse ponto, a verdade presente ordenava uma reclassificação das igrejas. “A imagem” é espiritualmente falando, parte da “besta” [ou sistema Católico Romano]. Portanto, “a imagem” *não pode ser* uma igreja Protestante. As igrejas Protestantes devem ser corpos que *protestam* contra as corrupções da “imagem”. *O VERDADEIRO PROTESTANTISMO* está protestando contra os pecados e erros da “besta e sua imagem”.

“Os pecados de Babilônia serão revelados. Os terríveis resultados da imposição das observâncias da igreja pela autoridade civil (processos de marcas registradas), as incursões do espiritismo (membresia homossexual na igreja, abortos patrocinados pela igreja, técnicas de controle mental, etc.), os furtivos mas rápidos progressos do poder papal — tudo será desmascarado. Por meio destes solenes avisos o povo será agitado... Com espanto ouvirão o testemunho de que Babilônia é a igreja, caída por causa de seus erros e pecados, por causa de sua rejeição da verdade, enviada do Céu a ela” (Mensagem de 1888 através dos irmãos Jones e Waggoner; *1888 Reexaminado*

pelos irmãos Wieland e Short, 1950; o movimento de Brinsmead, 1955 – 62; Movimento do Quarto Anjo, 1965 – 1988; Ministério de Apoio à Vida, 1980 – 88) [*O Grande Conflito*, p. 532; parênteses acrescentados].

Resumindo nossas conclusões, notamos que a Igreja Romana caiu por muitos séculos; as filhas que guardam o Domingo (Protestantismo apóstata) caíram por muitas décadas (pelo menos desde 1896); o canal inicial da verdade para a reforma do Sábado, a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, é “Babilônia caída” (a imagem da besta); e os vários corpos guardadores do sábado classificados como “ramificações” do movimento do Advento estão em confusão e erro – nenhum deles está anunciando as mensagens de Apocalipse 14 [sendo designada para selar os 144.000]. Onde estão as verdadeiras igrejas Protestantes? *O VERDADEIRO PROTESTANTISMO* está pregando o evangelho de “Cristo em vós a esperança da glória”, chamando as almas fiéis para saírem das igrejas caídas e resistir aos desígnios da “besta e sua imagem”.

Há Um Líder nessa obra. Deus chamou a *Igreja Adventista do 7º Dia* da *Criação* para o “conflito final”. Outros Protestantes dispersos estão no campo, assim como havia 7.000 que “não se curvaram a Baal” (1 Reis 19:18). Há igrejas nas casas em vários lugares – “pequenos grupos que permanecem andando na luz”. As ovelhas tem sido espalhadas pelos falsos pastores, mas o Bom Pastor está agora reunindo Seu rebanho “de uma extremidade do céu à outra”. Em breve a controvérsia será encerrada, mas uma última batalha está diante de nós. Você não se juntará ao chamado do terceiro anjo e levantará a voz de advertência? “A bandeira da verdade e da liberdade religiosa, erguida tão destacadamente por aqueles reformadores, nos foi confiada neste último conflito” [*Testemunhos para a Igreja*, Vol. 6, pág. 402]. “Bendito seja o nome de *YAH*” (*Salmo* 113:2), e “o homem que faz isso” (Is 56:2).

O VERDADEIRO PROTESTANTE “não falhará nem ficará desanimado” (Isaías 42:4), mesmo com perigo de sua própria alma. Amém!

O CREDO DA NOSSA IGREJA

A oração de Cristo em João, capítulo 17, “para que todos sejam um” como o Pai e o Filho são um, é o nosso *único* Credo da Igreja.

A PERGUNTA

A menos que haja culpa, não haveria necessidade de chamar ao arrependimento. Quando, portanto, o julgamento é executado porque o arrependimento não seguiu o ato da transgressão que trouxe a culpa, como Deus trata essa identidade corporativa envolvida? Ele separa os indivíduos que não estão diretamente envolvidos dos líderes que levaram o povo ao pecado? Ao buscar uma resposta a esta pergunta, estudaremos os tratos de Deus com Seu povo nas eras passadas.

Nos dias do antigo Israel, em seu caminho para a terra prometida, do Monte Sinai explodiu a rebelião. Coré, Datã e Abirão desafiaram a liderança de Moisés. Por sua vez, Moisés convocou os líderes, e aqueles associados a eles, para comparecerem diante do santuário para que Deus pudesse revelar Sua vontade. Datã e Abirão se recusaram a vir. O Senhor então ordenou que toda

a congregação de Israel se separasse das tendas desses homens. Como Datã e Abirão não apareceram no tabernáculo, Moisés foi para suas tendas, seguido pelos anciãos de Israel. Observe o que se seguiu:

“E falou (Moisés) à congregação, e disse: Afastai-vos, eu vos peço, das tendas destes homens ímpios, e não toqueis em nada do que é deles, para que não pereçais em todos os seus pecados. E eles se levantaram do tabernáculo de Corá, Datã e Abirão. E Datã e Abirão saíram e ficaram à porta das suas tendas, com as suas mulheres, e seus filhos, e suas crianças” (Números 16:26, 27). [Nota: As criancinhas não aderiram à recusa que seus anciãos enviaram a Moisés; veja Números 16:12-14].

Aqui estavam duas famílias juntas (duas identidades corporativas). Dois homens pecaram (os chefes das famílias). Aqui havia laços de lealdade (parentesco), e havia a ordem que tinha sido proferida pouco antes do Monte Sinai: “Honra teu pai e tua mãe”. A *identificação corporativa* prevaleceria sobre a *responsabilidade individual*, ou vice-versa? Como a decisão dos filhos desses homens (Datã e Abirão) afetaria seus “filhinhos”? Deus os separaria do julgamento sobre seus pais que pecaram? O registro continua:

E Moisés disse... Se o Senhor fizer uma coisa nova, e a terra abrir a sua boca, e os engolir, com tudo o que lhes pertence, e eles descerem rapidamente à cova, então entenderéis que esses homens provocaram o Senhor. E aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, fendeu-se o solo que estava debaixo deles; e a terra abriu a sua boca e os tragou... Eles, e tudo o que lhes pertencia, desceram vivos à cova, e a terra se fechou sobre eles (Números 16:28 – 33).

Enquanto as famílias de Datã e Abirão caíram juntas sob o julgamento de Deus, porque se recusaram a se separar de sua identidade corporativa, o registro também observa que os filhos de Corá não morreram (Números 26:10-11). Eles não apareceram com seu pai e os duzentos e cinquenta príncipes que se reuniram na porta do santuário para desafiar a liderança de Moisés e Arão. Os filhos de Corá escolheram exercer sua responsabilidade individual e se recusaram a ser identificados na entidade corporativa que iniciou a rebelião, e assim escaparam do julgamento de Deus.

No dia de Pentecostes, no tempo do derramamento do Espírito Santo prometido por Jesus, estavam reunidos em Jerusalém para a festa, judeus, “homens devotos, de todas as nações debaixo do céu” (Atos 2:5). Estes não eram homens maus, mas os “devotos”, que vieram da *diáspora* para Jerusalém para celebrar a festa em harmonia com a instrução que Deus havia dado. Alguns, talvez, vieram para a Páscoa e permaneceram os cinquenta dias até o Pentecostes, mas a *maioria nem estava presente quando Jesus foi crucificado*. Reunindo-se rapidamente devido à excitação e testemunho gerados pela vinda do Espírito Santo, eles ouviram atentamente enquanto Pedro explicava o significado do que havia acontecido recentemente e estava acontecendo agora. Eles o ouviram dizer:

“Homens de Israel, ouvi estas palavras: Jesus de Nazaré, homem aprovado por Deus entre vós com milagres, maravilhas e sinais, que Deus fez por ele no meio de vós, como também vós sabeis; a este, entregado pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, pelas mãos perversas o crucificastes e o matastes (Atos 2:22-23).

Aqueles que não estiveram presentes na festa da Páscoa ainda não se comoveram. Eles não tiveram parte na crucificação de Jesus; eles não estavam nem perto. Aqueles que poderiam ter vindo para ambas as festas sabiam que *os Romanos* tinham feito o ato. Eram as *mãos deles* que eram “más”, não as suas. Então eles continuaram a ouvir, convencidos de que não tinham culpa nesse ato. Então Pedro se volta para eles novamente e os trás a realidade. Perceba o que Pedro diz:

“Que toda a casa de Israel (todo o corpo de Israel) saiba com certeza que Deus fez deste mesmo Jesus que vós crucificastes, Senhor e Cristo” (Atos 2:36).

Forte convicção tomou conta deles. Quer estivessem presentes ou não, quer fossem uma parte da multidão que gritou: “Crucifica-o!” ou não (e definitivamente não um soldado romano), ainda assim eles estavam sendo *acusados por Deus como culpados* do sangue de Jesus Cristo, e responsáveis como participantes da crucificação por causa da sua identidade corporativa. Com o coração aflito, eles fizeram a Pedro e ao resto dos discípulos, *A PERGUNTA*: “Homens e irmãos, que faremos” (Atos 2:37)? A reação deles ao conselho de Pedro determinaria se seriam incluídos no julgamento geral de Deus sobre a nação de Israel.

Há hoje em dia, aqueles entre o professo povo de Deus que querem nos fazer crer que o Deus com quem temos que lidar hoje não é o mesmo Deus de ontem. Eles esperam em vão que o Deus que declarou: “Meu Espírito nem sempre contenderá com os homens” (Gn 6:2), não mais mantenha a Sua palavra, mas conceda tempo ilimitado a um povo insubordinado para que se arrependam da sua apostasia. Aos leigos é dito de que Deus é muito misericordioso para visitar Seu povo com julgamento. “Veja todas as grandes e maravilhosas instituições que Deus permitiu que fossem construídas como monumentos à Sua glória. Eles perguntam: Ele abandonará tal povo e tal organização?”

O diálogo continua: “Deus é diferente hoje; os tempos mudaram. Ele pode ter chamado o povo Judeu a prestar contas porque 'acalentava a idéia de que eles eram os favoritos do céu, e eles sempre deveriam ser exaltados como a igreja de Deus' [*Parábolas de Jesus*, pg. 294]. Mas isso não será verdade para o corpo corporativo (a igreja professa de Cristo) em nossos dias, que diz: “Fique no barco, pois ele chegará até o final”. Para os que assim raciocinam, o Deus do juízo morreu.

Mas o Deus da Escritura é o mesmo que falou nos tempos do Antigo Testamento, e que através do Espírito Santo deu a mesma mensagem no dia de Pentecostes. Leia atentamente a profecia de Ezequiel onde o Senhor comissiona Seus mensageiros, os homens com armas destruidoras em suas mãos:

“E aos outros, disse ele ao meu ouvir: Ide após ele através da cidade e feri; não poupe o vosso olho, nem tendes pena; matai totalmente velhos e jovens, donzelas e crianças pequenas, e mulheres; mas não chegueis perto de nenhum homem sobre o qual estiver a marca; e começai pelo meu santuário. Então eles começaram pelos homens anciãos que estavam diante da casa” (Ez 9:5, 6).

“Vemos aí que a igreja — o santuário do Senhor — foi a primeira a sentir o golpe da ira de Deus. Os anciãos, aqueles a quem Deus dera grande luz, e que haviam ocupado o lugar de depositários dos interesses espirituais do povo, haviam traído o seu depósito. Colocaram-se no ponto de vista de que não precisamos esperar milagres e as assinaladas manifestações do poder de Deus, como nos dias da antigüidade. Os tempos mudaram. Estas palavras fortaleceram-lhes a incredulidade, e dizem: O Senhor não fará bem nem mal. É demasiado misericordioso para visitar Seu povo em juízos. Assim, paz e segurança é o grito de pessoas que nunca mais erguerão a voz como trombeta para mostrar ao povo de Deus suas transgressões, e à casa de Jacó os seus pecados. Esses cães mudos, que não querem ladrar, são aqueles que sentirão a justa vingança de um Deus ofendido. Adultos, jovens e crianças, todos perecerão juntos” [*Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, pg. 211].

Tremam por vocês mesmos e chorem pelos outros. Por que essa destruição geral por um amoroso Pai Celestial? Porque eles são identificados coletivamente na culpa de seus líderes e se recusaram a exercer sua responsabilidade individual e arrepende-se. O Deus que considerou os filhos, as esposas dos filhos e seus filhinhos culpados com Datã e Abirão (Números 16); o Deus que considerou os “homens devotos” de Israel igualmente culpados com as “mãos iníquas” que crucificaram o Senhor da glória (Atos 2), é o mesmo Deus que visitará em julgamento, não apenas a liderança que “traiu a confiança deles”, mas também os leigos (os homens e mulheres com suas famílias) que, por sua associação com essa identidade corporativa, apoiaram passiva, silenciosamente ou ativamente essa direção, conformando-se com a maioria e seguindo o fluxo da apostasia. Estes têm sustentado as mãos dos líderes com seus meios e a tesouraria do Senhor.

Não é hora dos membros da igreja despertar com o aguilhão do Espírito Santo como foram os homens devotos de Israel no dia de Pentecostes, e como eles fazer *A PERGUNTA*: “Homens e irmãos, o que devemos fazer?”

Quando “homens devotos” da Casa de Israel, convencidos da realidade de que Deus *considera* os indivíduos responsáveis pelas ações dos líderes e oficiais em sua denominação, e percebendo que participaram da crucificação do Filho de Deus, eles clamaram com corações angustiados: “Homens e irmãos, que faremos?” Em resposta a esse clamor do coração, Pedro delineou certos passos a serem dados pelos quais eles poderiam escapar do julgamento de Deus. Ele disse: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de [*Yahshua*] Cristo para remissão dos pecados, e recebereis o Espírito Santo” (Atos 2:38).

Pedro encerrou seu sermão com a admoestação: “Salvai-vos desta geração [perversa]” (Atos 2:40). Esta diretriz da voz de Deus, se estudada no contexto do tempo em que é dada, pode beneficiar um professo povo de Deus que *agora* enfrenta a hora que se aproxima rapidamente quando “a igreja, o santuário do Senhor” será “a primeira a sentir o golpe da ira de Deus” porque a liderança, “aqueles a quem Deus dera grande luz, e que haviam ocupado o lugar de depositários dos interesses espirituais do povo, haviam traído o seu depósito” [*Testemunhos para a Igreja* vol. 5, p. 211].

Embora esses “homens devotos” não tivessem participado das deliberações, nem votado a morte de Jesus, na realidade haviam *consentido* no crime cometido, continuando nas formas e cerimônias daquela igreja, e seguindo silenciosa e passivamente na direção da liderança. Por

quê? “O povo judeu acariciava a idéia de que eram os favoritos do Céu, e seriam sempre exaltados como igreja de Deus. Eram filhos de Abraão, declaravam, e o fundamento de sua prosperidade parecia-lhes tão firme, que desafiavam Terra e Céu para desapossá-los de seus direitos. Por sua conduta infiel, porém, estavam-se preparando para a condenação do Céu e separação de Deus.” [*Parábolas de Jesus*, pg. 156].

E “o fundamento” sobre o qual eles construíram sua esperança não era outro senão “a palavra de Deus” para Jeremias (Veja Jr 31:35-37). Como esta palavra poderia falhar? Aqui estava uma promessa de “favor eterno”; a Casa de Israel estava seguindo adiante! Tudo o que eles tinham que fazer era ficar “na Casa/Barco”. Mas eles ignoraram as “condições” sobre as quais a promessa foi feita. “A um povo em cujo coração está escrita a Sua lei, é assegurado o favor de Deus. Eles são um com Ele” [*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 106].

Mas aqui estava um povo cujos líderes haviam invalidado os mandamentos de Deus por sua tradição, ensinando como doutrina mandamentos de homens (Veja Mateus 15:6-9). E aqueles Judeus devotos reunidos no Dia de Pentecostes estavam seguindo aqueles líderes, para o bem ou para o mal. Pedro disse àqueles homens de Israel para se “arrependerem”, mudarem de mentalidade, voltarem a si, deixarem de ser iludidos por uma falsa sensação de segurança.

A admoestação de Pedro tinha o mesmo tema que foi anunciado por João Batista ao preparar o caminho para o ministério de Cristo. João disse a seus ouvintes: “Dai, pois, frutos dignos de arrependimento. E não pensai em dizer dentro de vós mesmos: Temos a Abraão por nosso pai” (Mt 3:8-9).

Em outras palavras, tire essa teoria de suas mentes de que vocês são e sempre serão os favoritos do céu, pois Deus é capaz de “destas pedras, levantar filhos a Abraão” (Lucas 3:8). Pedro pregou com convicção ainda maior do que João, porque ele tinha ouvido o próprio Jesus declarar: “Eis que a vossa casa (não mais a casa de Deus) é deixada desolada” (Mateus 23:38). O véu do templo havia sido rasgado, e o compartimento da Presença Invisível podia ser contemplado por olhos humanos sem medo de retribuição porque aquela Presença não estava mais lá (Mt 27:51).

Além de mudar a maneira deles de pensar, os “judeus devotos” deveriam fazer uma confissão externa que declararia publicamente sua mudança de pensamento. Cada um que mudasse de ideia deveria ser “batizado... em nome de [*Yahshua*, o] Cristo”. Entre os reunidos para ouvir Pedro havia “prosélitos” (Atos 2:10).

Estes foram batizados como um símbolo de sua aceitação no Judaísmo, de modo a serem contados entre “a Casa de Israel”. Agora eles são instruídos pelo Espírito Santo (através de Pedro) a serem batizados *novamente*, e os outros “Judeus devotos” que também mudariam seu pensamento, por este ato (do batismo) mudariam sua identidade da Igreja de Israel para o corpo de Cristo. Somente assim eles poderiam encontrar a remissão para o pecado da crucificação de Jesus de Nazaré, que foi na realidade a crucificação da Verdade, fazendo o desejo de seu pai o diabo, que não permaneceu na verdade (Veja João 8:44).

Pedro concluiu seu aviso e conselho dizendo aos convictos que “se salvem desta geração perversa” (Atos 2:40). Ao assim aconselhar, Pedro estava reunindo um conceito do Pentateuco e

uma acusação que tanto Jesus quanto João Batista haviam usado em confronto com a hierarquia Judaica. Moisés havia escrito que Deus era “a Rocha” sobre a qual Israel foi fundado, “um Deus de verdade”. Mas Israel havia se “corrompido” e se tornado “uma geração perversa e corrupta” (Deuteronômio 32:4, 5). João Batista, vendo muitos fariseus e saduceus entre seus ouvintes, falou diretamente a eles usando um símbolo de perversidade e dizendo: “Raça de víboras, quem vos aconselhou a fugir da ira vindoura?” (Mat 3:7). Jesus foi ainda mais enfático. Dirigindo-se aos escribas da Lei e aos Fariseus, Ele declarou: “Serpentes, geração de víboras, como podeis escapar da condenação do inferno?” (Mateus 23:33).

Assim Pedro, conhecendo pelo Espírito Santo, a maldição que estava sobre a hierarquia, advertiu aqueles que não desejavam ser julgados pela culpa coletiva da nação, a se salvarem daquela “geração corrupta”.

Aqueles que responderam à ordem de Pedro foram batizados, significando a passagem “da morte para a vida” (1 João 3:14) e “continuavam firmemente na doutrina e comunhão dos apóstolos” (Atos 2:41, 42). Por meio de Cristo, a Verdade, e pela vinda do Espírito da Verdade, a fé original foi restaurada aos homens (Veja Mal 4:5; Mt 17:11).

Os homens não devem mais seguir as tradições e os conceitos pervertidos dos escribas e Fariseus. A verdade dada pela Rocha de Israel tornou-se a base da Igreja de Cristo.

Na hora final da história humana, quando o poder do inimigo para enganar o mundo parecer supremo, “Parece que o mundo inteiro [está] a bordo; [e] que ninguém estava de fora...” A mensageira para o Remanescente é aconselhada (em visão) a “olhar na direção oposta” e lá ela vê “um pequeno grupo viajando por um caminho estreito. Todos [parecem] estar firmemente unidos, *unidos pela verdade*, em grupos ou companhias. Disse o anjo: 'O terceiro anjo (de Ap 14:6-12) os está reunindo e selando em grupos para a colheita celestial” [*Primeiros Escritos*, p. 88 - 89].

Assim, você “chegou ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial”. (Heb 12:22; Ap 3:12) A ***Igreja Remanescente de Adventistas do Sétimo Dia da Criação*** percebe que a Jerusalém “que agora é... está em escravidão com seus filhos”; portanto, eles transferem sua fidelidade e lealdade à “Jerusalém que é de acima”, que “é livre, que é a mãe de todos nós” (Gál 4:25, 26). Nisto encontramos a resposta à PERGUNTA: “O que faremos?” [Adaptado de *Corporate Accountability* by W. Grotheer].

O SÉTIMO DIA DA CRIAÇÃO

YAH, nosso Criador, ensinou Seus filhos a “lembrar-se do dia de Sábado, para santificá-lo” (Êxodo 20:8). Desde a origem do 7º *Dia da Criação*, cerca de 6.000 anos atrás (Gênesis 2:1-3), ele tem servido como “sinal” ou “selo” entre Ele e Seus fiéis adoradores (Ez 20:12, 20). O Criador não manifestou “nenhuma sombra de variação” ao lidar com Sua “coroa da criação”. Ele permaneceu “o mesmo ontem, hoje e [continuará] para sempre” (Heb 13:8). Portanto, “a lei de Deus é perfeita, convertendo a alma” (Salmo 19:7).

A natureza humana, sem cooperação com o Divino, tem sido transtornada pela inconsistência e a disposição para mudar a perfeita vontade de Deus. O papado anulou a lei de Deus “pensando em mudar os tempos e as leis”. Isso resultou nos dias de festa pagã do Cristianismo Romano: Domingo, Natal, Páscoa, Halloween e outros, juntamente com a adoração de imagens. Esta obra do homem tentou esconder e destruir efetivamente o plano amoroso de Deus para Sua criação inestimável. Progressivamente, os homens perderam sua comunhão íntima com o Planejador Mestre, e até mesmo o Sábado Bíblico foi enganosamente camuflado pela “idolatria do Sábado”. Com isso, identificamos uma “forma morta sem poder”, através da qual os “Protestantes do Sábado” responderam à adoração de imagens de Roma.

De que adianta um homem ir à igreja todos os Sábados e não ter amor? O que esse homem realiza para seu Salvador e seus semelhantes? Cristo era um servo; Seus discípulos também são servos da justiça. O Sábado não tem absolutamente nenhum poder santificador sem o Espírito de Cristo, ainda que represente o sétimo dia da semana.

O 7º Dia da Criação foi feito na criação para a primeira família humana. É importante lembrar que isso precedeu “a queda” de Adão. A terra era então um “mundo maravilhoso” de perfeita felicidade e harmonia – o Céu na terra. Imagine, se você quiser, o relacionamento que o primeiro casal e seu Criador compartilharam lá no magnífico Jardim do Éden. Você pode imaginar a inocência dessa vida abundante, livre de dor, doença, estresse, morte e todas as dificuldades deste estado pecaminoso atual? A vida eterna foi concedida ao casal humano.

O 7º Dia da Criação (Sábado) não apenas comemora o poder e a beleza da Criação de Deus; também permanece como um memorial perpétuo de que as próprias “obras” do homem nunca o promoverão ou lhe trarão qualquer mérito na estimativa de Deus. “Porque pela graça sois salvos por meio da fé; e isto não vem de vós: é dom [gratuito] de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8, 9). Que fique sempre entendido que o Sábado nos lembra semanalmente, e toda vez que “nos lembramos” dele, que a salvação é “o dom [gratuito] de Deus: não de obras”. Como tal, *O 7º Dia da Criação* é o sinal do poder redentor de Deus, proclamando-O como legítimo Mestre do pecador arrependido.

Aqueles que *se recusam* a entrar no Descanso do Criador deixam de “lembrar-se do dia de sábado, para o santificar”. Essa classe guarda um *dia* para si mesma e é rotulada como “legalista”. Estes devem fazer algo da sua *própria* invenção ou por sua *própria* escolha, a fim de agradar a Deus – para *criar* “um descanso” na alma. Eles devem *moldar* algum tipo de “ídolo” que mascara sua falsa impressão do verdadeiro caráter de Deus. Isso não é descanso autêntico! Esses indivíduos lutam por seus direitos, se ofendem facilmente, demonstram raiva rapidamente, reclamam das circunstâncias de suas vidas, e manifestam outros maus espíritos. No entanto, esses mesmos “cristãos” continuam sua alta profissão – enganando a si mesmos e dizendo: “Nós somos os escolhidos de Deus”.

Qualquer um que observe e guarde um “sábado falsificado” encontra-se sem “a paz de Deus, que excede todo o *entendimento...*” (Filip 4:7). Eles muitas vezes procuram melhorar ou proteger o programa de Deus com alguma “imagem da besta” de sua própria execução. *Yahshua* diz: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e, quando ele é feito, o tornais duas vezes mais filho do inferno do que vós” (Mateus 23:15).

Para ilustrar nossa argumentação, podemos compartilhar um resumo da recente crise no Adventismo. *O Orlando Business Journal*, Vol. 12, Iss: 2, 16 de junho de 1995 relatou o seguinte:

Em Washington, a Igreja Adventista do Sétimo Dia está lutando contra um desafio legal histórico apresentado por membros da Prophecy Countdown. O caso pode retirar da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de 133 anos, os direitos exclusivos de marca registrada de seu nome.

A petição para cancelar a marca SDA foi originalmente apresentada em 6 de outubro de 1988. Após mais de sete anos, a decisão TTAB foi relatada pela Adventist News Network da seguinte forma (8 de março de 1996):

Igreja Adventista do Sétimo Dia ganha decisão sobre marcas registradas

Silver Spring, Maryland, EUA... [ANN]

A Junta de Julgamento e Apelação de Marcas Registradas (TTAB) do Escritório de Patentes e Marcas Registradas considerou a marca registrada e a marca de serviço “Adventista do Sétimo Dia”, usada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia por 130 anos em seu ministério Cristão mundial, válida e federalmente registrada.

No parecer majoritário (p.3), datado de 15 de fevereiro de 1996, os dois pedidos de cancelamento são sintetizados pelos juízes:

“Como base para anular a marca SDA, ambos os demandantes alegam que são Adventistas do Sétimo Dia e membros da denominação adventista do sétimo dia... e são forçados a participar da obtenção de uma marca comercial ilícita e, portanto, relutam em participar dessa fraude, usando seus dízimos e ofertas para sustentá-la; que isso lhes causa frustração e angústia mental, e continuará a causar tal dano enquanto o peticionário [Igreja Adventista do Sétimo Dia] tiver permissão para manter e fazer valer a marca registrada... que a Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos garante o direito ao cidadão de expressar sua sincera fé e crença em uma religião, usando o nome descritivo da religião para identificar-se como parte dela; que este registro violava os direitos da Primeira Emenda, pois a menos que a congregação do demandante fosse aprovada pelo peticionário, os demandantes não poderão usar livremente o nome “Adventista do Sétimo Dia” para expressar as crenças e a fé de seus membros; que conceder ao peticionário o direito exclusivo e uso do nome genérico “Adventista do Sétimo Dia” equivale a um estabelecimento estatal de um tipo de religião. Se os demandantes praticassem sua fé sob o nome de "Adventista do Sétimo Dia" sem a aprovação expressa do peticionário, estariam sujeitos a um possível processo legal, e isso equivaleria a perseguição religiosa... e que o peticionário violou os princípios básicos da conduta cristã conforme está estabelecido na Bíblia”... Stocker v. Conf. Corp. da SDA (TTAB, 1996).

“...todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.” (Mateus 26:52) E “...aquele que mata com a espada deve ser morto com a espada. Aqui está a paciência e a fé dos santos” (Ap 13:10).

Os santos não empunham a espada. Eles experimentam a paz de Deus que excede todo o entendimento. Em todas as circunstâncias da vida eles aprenderam a estar contentes e descansar na Providência de um Pai Celestial fiel.

Embora possamos simpatizar até certo ponto com a visão dos demandantes no caso da marca, o Cristão não tem motivos para empunhar a espada do Estado. Embora *protestemos* contra a união profana da Igreja e do Estado, e as inevitáveis perseguições decorrentes dela, não encontramos permissão nas Sagradas Escrituras para “... ir a lei perante os [injustos]” (1 Coríntios 6:1).

Qualquer *início* de ações judiciais em tribunais mundanos por crentes professos constitui transgressão do quarto mandamento do Decálogo. Nesta crise, o registro indica culpa tanto por parte do demandante *quanto* do réu. O Criador nos instrui a –

“Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus; nele não farás nenhuma obra... Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles está, e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de Sábado, e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

O Sábado do Senhor é o *7º Dia da Criação*, a representação da total *confiança* nas preciosas promessas de Deus.

E vi outro anjo que subindo do leste, tendo o selo do Deus vivo...” (Ap 7:2) “... e foram selados cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel.” (Ap 7:4) *YAH* diz: “... dei-lhes os meus Sábados, para serem um sinal [ou selo] entre mim e eles, para que saibam que eu sou *YAH* que os santifico”. (Ez 20:12) “Assim diz *YAH*: Guardai o direito, e praticai a justiça, porque a minha salvação está próxima, e a minha justiça a ser revelada. Bem-aventurado o homem que faz isso, e o filho do homem que se apodera disso; que guarda o Sábado de o poluir, e guarda a sua mão de fazer mal algum” (Is 56:1, 2).

A CONCLUSÃO

A guarda do *7º Dia da Criação* proíbe todo o reconhecimento do Estado em assuntos religiosos, e proíbe os Cristãos, e *especialmente* os Adventistas do Sétimo Dia, de iniciar juízos em cortes civis.

O mundo só pode ser advertido vendo aqueles que crêem na verdade santificados pela verdade, agindo sobre princípios elevados e santos, mostrando em um sentido muito elevado a linha de demarcação entre aqueles que guardam os mandamentos de Deus e aqueles que os pisam sob seus pés. A santificação do Espírito sinaliza a diferença entre aqueles que têm o selo de Deus e aqueles que guardam um dia de descanso espúrio (e recebem a marca do nome da besta – Ap 14:11) [*SDA Bible Commentary, Vol. 7, pág. 980; ver também ibid, p. 822 em Ap 13:17; colchetes e ênfase adicionados*].

Lembremos que a presunção de Roma é que ela nunca muda. As fundações estabelecidas por Gregório VII e Inocêncio III ainda são os princípios básicos da Igreja Católica Romana e de todas as outras organizações construídas sobre os princípios Romanos. E se estes tivessem o

poder, eles os colocariam em prática com tanto vigor agora como nos séculos passados. Professos Protestantes, incluindo os Adventistas do Sétimo Dia, pouco sabem o que estão fazendo quando se propõem a aceitar a ajuda de Roma no trabalho de legislar sobre a liberdade religiosa e nas emendas na moral da sociedade. Enquanto eles estão empenhados em cumprir *seus* propósitos, Roma tem como objetivo garantir *seu* poder para recuperar sua supremacia perdida. Como o princípio *agora* foi estabelecido (*Stocker v. General Conference Corp. of SDA*, TTAB, 1996) nos Estados Unidos, que uma igreja (a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia) pode empregar ou controlar o poder do estado; que “observâncias religiosas” podem ser impostas por leis seculares de marcas registradas; em suma, que a autoridade da Igreja e do Estado devem dominar a consciência, o triunfo de Roma neste país está agora assegurado. Embora já tenhamos visto o exercício inicial da autoridade igreja-estado através da perseguição do pastor John Marik (Hawaii Trademark Case) em 1988, essa profanação do Sábado ainda não foi manifestada de maneira aberta e óbvia ao público Americano e ao mundo.

A palavra de Deus advertiu do perigo iminente; se isso for ignorado, o professo mundo Protestante, incluindo os Adventistas, aprenderá quais são realmente os propósitos de Roma, somente quando for tarde demais para escapar da armadilha. Ela está silenciosamente crescendo em poder. Suas doutrinas estão exercendo sua influência no meio legislativo, nas igrejas e no coração dos homens. De forma furtiva e insuspeita, ela está fortalecendo suas forças para promover seus próprios objetivos quando chegar a hora de atacar. Tudo o que ela deseja é um terreno vantajoso, e isso lhe foi dado em grande medida. Logo veremos e sentiremos qual é o propósito do elemento Romano, ainda que exercido por meio da hierarquia de uma professa denominação Protestante. Todo aquele que crer e obedecer à palavra de Deus incorrerá assim em reprovação e perseguição [Adaptado de *O Grande Conflito*, p. 581].

Enquanto os professos Protestantes e Adventistas estão, por suas atitudes comuns, fazendo concessões a Roma, despertemos para compreender a situação e ver a disputa diante de nós em seus verdadeiros rumos. Que os atalaias agora levantem suas vozes e dêem a mensagem que é a verdade presente para este tempo. Mostremos ao povo onde estamos na história profética e procuremos despertar o espírito do verdadeiro Protestantismo, despertando o mundo para o senso do valor dos privilégios da liberdade religiosa há tanto tempo desfrutados [Adaptado de *Testemunhos Para a Igreja*, Vol. 5, pág. 716].

“Se Deus aborrece um pecado mais do que outro, do qual Seu povo é [agora] culpado, é o de *nada fazer* no caso de uma emergência. Indiferença e neutralidade numa crise religiosa são consideradas por Deus como um crime grave e igual ao pior tipo de hostilidade contra Deus” [Testemunhos para a Igreja, Vol. 3, pág. 280].

Nesta hora tardia e sombria da história da Terra, Deus o chama a investir seus meios: tempo, dinheiro, talentos e energias da alma na obra mais importante de Reavivamento e Reforma já testemunhada desde a fundação do mundo. Alistemo-nos conforme a sua promessa para o “alto clamor” pelo dom de Deus: *Liberdade de Consciência*.

FIM

Liberdade de Consciência – Um dom digno de preservar



IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA DA CRIAÇÃO

Ministério de tradução no Brasil
asegundaeva@gmail.com